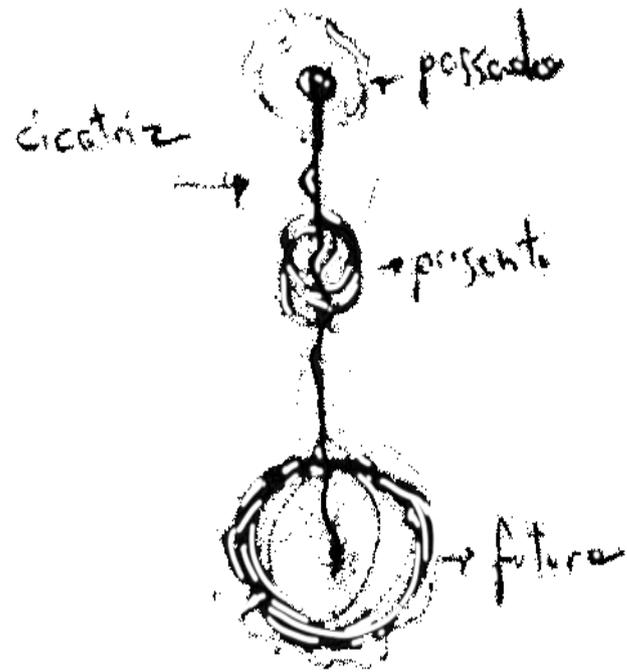


(re) lembrar  
(re) contar  
(re) plantar

O projeto do memorial dos incêndios de Tondela



(re) lembrar

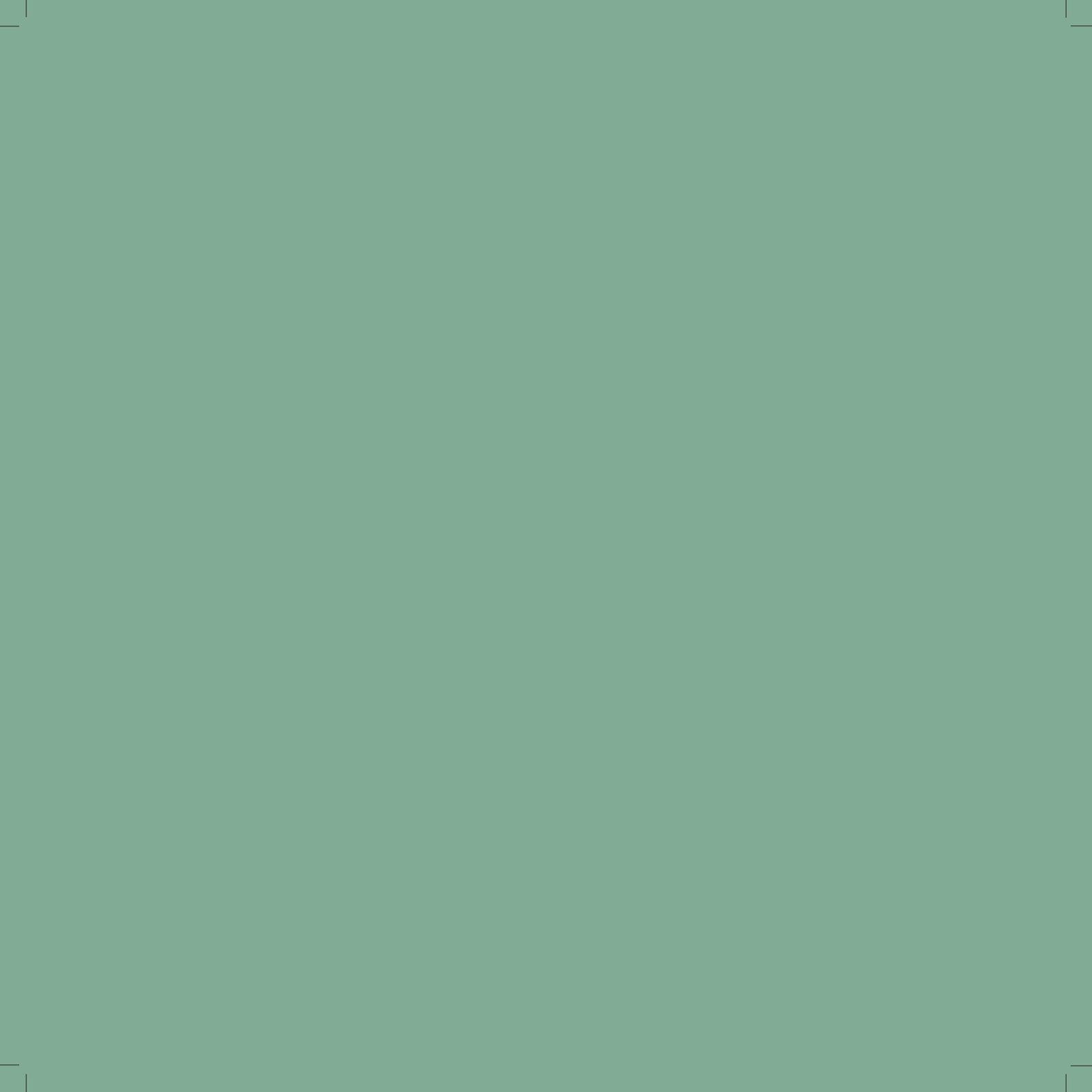
(re) contar

(re) plantar

O projeto do memorial dos incêndios de Tondela

Paulo Henrique Viel Nunes

Orientação Prof. Dr. Fábio Mariz Gonçalves  
Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade de São Paulo  
Dezembro - 2019



Só encontrará sua vida aquele que a perdeu.

*Provérbio zen*

# Agra- deci- men- tos

A meus pais e minha família, sem a qual nada disso seria possível. Pelo amor de todos os dias, pela imensa ajuda, fé e dedicação devotadas desde os meus primeiros passos, não há palavras para agradecer.

Aos mestres e mentores que me ajudaram nesse processo de transformação e descoberta que foi a graduação.

Especiais agradecimentos a Eliane Tokeshi, Silvio Macedo, Tatiana Sakurai e Maria Cecilia Loschiavo.

A meu amigo e orientador, Fábio Mariz Gonçalves, pela ternura, paciência e cuidados em momentos tão difíceis; pelos incentivos e palavras de afeto, por acreditar em meu potencial. Guardo-o em meu coração.

A Francine Sakata, pela receptividade e carinho com os quais abraçou esse trabalho e suas demandas. A Paulo Gonçalves, membro da banca, pela amável disponibilização a qual aceitou avaliar esse trabalho. À arquiteta Mayra Mello, pela ajuda na finalização dos desenhos técnicos, generosidade em me auxiliar e pelas conversas tão agradáveis.

A minha parceira, Juana Maria Bravo, sua fascinante espiritualidade e sobretudo, seu talento e sensibilidade; obrigado por ter insistido e acreditado no potencial de nosso projeto “Raízes”.

À pessoa dos professores Gabriela Vaz Pinheiro, Miguel Costa e demais professores e colegas do Madep, pela generosidade com a qual me receberam nessa breve e deliciosa viagem a Portugal.

A todos os amigos e colegas que fiz nesses anos de experiência acadêmica, a certeza de que levarei em meu coração os mais doces momentos de nossa juventude.

A Antunes Filho, o maior mestre que se possa ter tido.

A meu avô, de quem herdei o talento para o sonho.

*Pasmo sempre quando acabo qualquer coisa. Pasmo e desolo-me. O meu instinto de perfeição deveria inibir-me de acabar; deveria inibir-me até de dar começo. Mas distraio-me e faço. O que consigo é um produto, em mim, não de uma aplicação de vontade, mas de uma cedência dela. Começo porque não tenho força para pensar; acabo porque não tenho alma para suspender. Este livro é a minha cobardia.*

*Fernando Pessoa, O livro do desassossego*

Flavia Moroni Fábio Mariz Odair Viel Calixto Comporte Amaral

Sayuri Kawagoe Alice Bevilaqua Castro Raphael Kassel Fernanda Zotovici

Rayan Merhy Mariana Martins Claire Sivier Paula Maíra Gisela Soler

Silvia Molan Narjara Magalhães Levi Fernando Vitor Vieira Maria Cecilia Garcia

Paula Dalmaso Yollanda Arruda Jeroen Coopmans Leonardo Serrão

Camila Toledo Alessandra Lira Gabriela Menezes Rita dos Santos Cardita

Iohana Marques Anisio Serafim Débora Rios Pedro Ferreira Guida

Egle Spina Maria Cely Freitas Juliana Von Zuben Marina Ruzzi

Maria Giulia Pinheiro Isabel Arias Andre Luis Vieira Adam Manfredi

Karoline Andrade Eliana Viel Victor Lima Natasha Rojas Sandra Fazla

Rosângela Rhafaelle Gabriel Ávila Gianinni Marina Porto Viviane Guimarães

Jessica Luchesi Ana Maria Garret Julia Schroter Anna Murakawa

Luiz Boschi Grecco Bruno Novaes Thais Matos Godoi

Bruno Pfefferkorn  
Marina Pastore  
Andrea Barcelos  
João Marcos Duarte  
Mariana Viel  
Regina Viel  
Eduardo Ganança  
Davi Missiano  
Juana Maria Bravo  
Bia Chicca  
Beth Leite Oliveira  
Davi Arias  
Tais Genovez

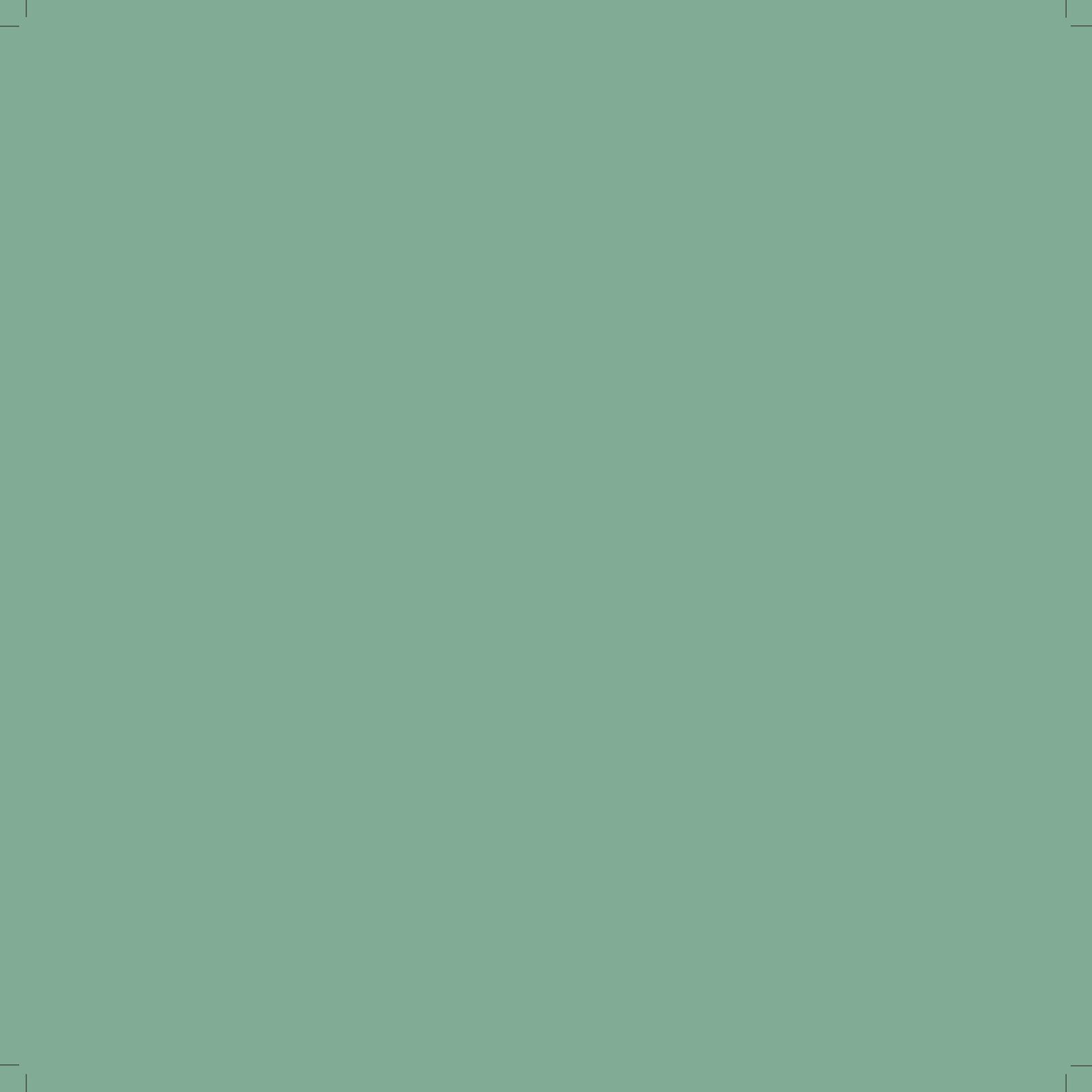
Bianca Ferraciu  
Danielle Iwai  
Guilherme Ito  
Adonis Galvão  
Maxime Godard  
Leticia Lopes  
Mauro Alves  
Priscila Guedes  
Alessandra Lopes  
Leticia Falasqui  
Maria Fregni  
Giulia Fontes  
Leticia Berrocal

Caio Paula  
Evandro Almeida  
Juraci Rosa Nunes  
Marcia Dias  
Ronaldo Polo  
Sofia Moreira  
Caroline Rangel

Elca Cardoso  
André (Chiko)  
Karla Hill  
Carla Erismann  
Flavia Prado  
Claudia Casagrande  
Ricardo Borghi  
Stefany Tomaz  
Nathalia Rodrigues  
Caroline Rangel

Isabel Barboni  
Marcela Adari Camargo  
Thiago Brisolla  
Sheila Donato  
Melina Moscardini  
Luna Brandão  
Rafaela Bueno  
Cintia Gasparetti  
Jaime Solares  
Akito Iwai  
Juliana Viel  
Reynel Martinez

Cinthia Migliaccio  
Caroline Casaroli  
Melina Moscardini  
Luna Brandão  
Rafaela Bueno  
Cintia Gasparetti  
Jaime Solares  
Akito Iwai  
Juliana Viel  
Reynel Martinez





Para meus avós,



# Índice

|                                    |    |                             |    |
|------------------------------------|----|-----------------------------|----|
| <b>Introdução</b> .....            | 14 | Projetar em tempos de ..... | 62 |
| <b>(re)lembrar</b> .....           | 16 | não-esperança               |    |
| Projeto Raízes .....               | 18 | <b>(re)construir</b> .....  | 64 |
| Tondela .....                      | 22 | Planta de situação.....     | 66 |
| O processo de concepção .....      | 28 | Planta de implantação.....  | 68 |
| Caderno processual.....            | 30 | Ampliação .....             | 70 |
| Sobreiro - árvore de Portugal..... | 42 | Corte Transversal AA .....  | 72 |
| Um espaço em outro nível.....      | 44 | Corte Longitudinal BB ..... | 74 |
| <b>(re)contar</b> .....            | 50 | <b>Referências</b> .....    | 78 |
| Morte ao futuro .....              | 53 |                             |    |
| Tempor de narrar .....             | 56 |                             |    |
| Atacar o monumento .....           | 58 |                             |    |

# Intro- dução

Acompanhada de um  
pedido de desculpas

Ao contrário da grande maioria dos trabalhos realizados durante o curso - os quais trago seguramente um gosto familiar de certo *fracasso* - imbuí-me, no processo de concepção e desenvolvimento desse caderno, da quase impossível e de antemão malsucedida tarefa de fazer de cada página escrita o resultado de momentos do mais profundo deleite. Optei pela independência auto-declarada de um caminho pelos meandros da pesquisa e pretendo, com esse texto, permitir que o vôo poético tome frente, com momentos de maior liberdade em relação a trabalhos acadêmicos mais tradicionais. Assim sendo, esse trabalho carece de alguns elementos que garantam-lhe o traço característico do arquiteto, muito embora conserve em sua estrutura uma série de elementos que visam garantir, àqueles que generosamente cederam seus conhecimentos para a elaboração das ideias presentes nesse compêndio o reconhecimento que lhes é devido.

O caderno divide-se em três tempos - o tempo de (re)lembrar, no qual é apresentado o município de Tondela, o contexto dos incêndios em Portugal e os detalhes do processo de desenvolvimento do projeto Raízes; o tempo de (re)contar, que consiste numa série de reflexões sobre narratividade, anti-monumentalidade, a crise da contemporaneidade e suas intersecções, com imagens de obras que serviram de referência ao processo de desenvolvimento do projeto Raízes; o tempo de (re)construir, última parte desse caderno, contém um compêndio de desenhos que estão em processo de desenvolvimento para a construção do memorial em Tondela.

São apresentadas plantas e cortes desenvolvidos no último mês, além de desenhos produzidos à época da entrega da proposta, em fevereiro de 2018, de forma a facilitar a compreensão do projeto.

Esse não é um trabalho que se pretende acadêmico, embora o seja. Tampouco um trabalho com o qual se pretenda, ou mesmo tenda a algum alvo. Espero que seja, e assim o meu desígnio torpe o deseje, um processo que se distende. O que vem a ser esse caderno, na mais otimista das acepções - talvez ele mesmo seja um compêndio de memórias; um amontoado de digressões mais ou menos incoerentes de um estudante-aprendiz que aceitou a intuição como ponto de partida e viu no próprio processo um “vôo fora da asa”, nas meninas palavras de Manoel de Barros. Voar fora das asas e inebriado pelo odor das sutis palavras que cantam a memória do que foi, elo dos dias de devires ingênuos e tons inteiros.

Agora, sem mais delongas, caminhemos.

Para *trás*.



(re) lembrar

# Projeto

# Raízes

Uma árvore no coração  
de Portugal

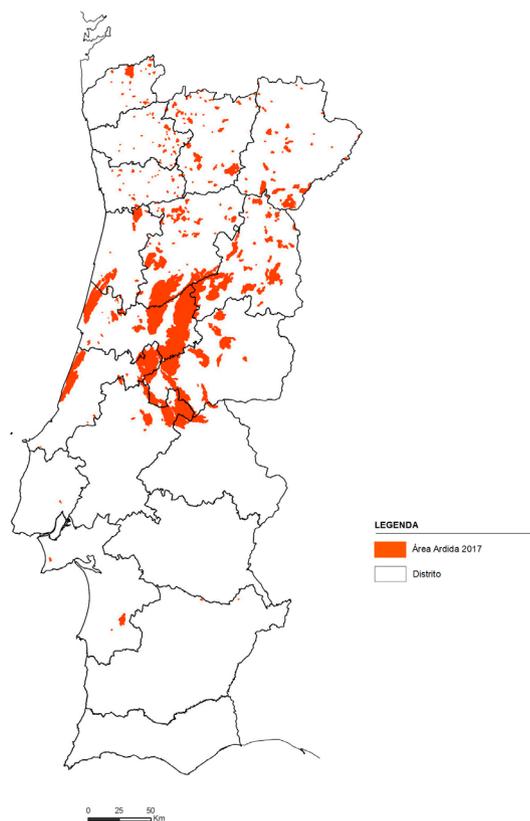
*O ano de 2017 foi cinza para Portugal.*

Em junho e outubro, dois incêndios de grandes proporções atingiram as regiões norte e central do território português. O primeiro deles, o incêndio de Pedrógão Grande, ocorrido entre 17 e 24 de junho, fez arder a área de 53.000 hectares que abrangia os concelhos de Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Ansião, no distrito de Leiria; Sertã, no distrito de Castelo Branco; Pampilhosa da Serra e Penela, no distrito de Coimbra. Naquele mesmo dia, em Góis, também no distrito de Coimbra, outro incêndio teve início, e as chamas se alastraram pelos concelhos de Pampilhosa da Serra e de Arganil. Países vizinhos, como Espanha, França e Itália enviaram aviões cheios de água e mais de 1.700 bombeiros foram mobilizados para conter as chamas, que dizimaram as grandes florestas da região e sitiaram as estradas do entorno, o que levou muitas pessoas a morrerem carbonizadas em seus carros. Ao todo, contabilizou-se o número de 66 mortos e 243 feridos, tendo sido esse o mais mortal incêndio da história do país.



*Incêndios em Pedrógão Grande, 2017. Autor desconhecido.*

## Mapa dos incêndios de 2017



Fonte: Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas de Portugal

Apenas 4 meses após a tragédia, que custou a Portugal um prejuízo de aproximadamente 500 milhões de euros, outro incêndio atingiu as regiões norte e central do país e se estendeu até a região da Galiza. As chamas, que duraram de 13 a 17 de outubro, arderam 53.000 hectares e atingiram os concelhos de Sertã, Arganil, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra, Penacova, Tábua, Gouveia, Seia, Carregal do Sal, Nelas, Oliveira de Frades, Santa Comba Dão, Tondela e Vouzela. No saldo de vítimas, contabilizou-se um total de 50 mortos em Portugal e 4 na Galiza, e mais de 70 feridos no total.

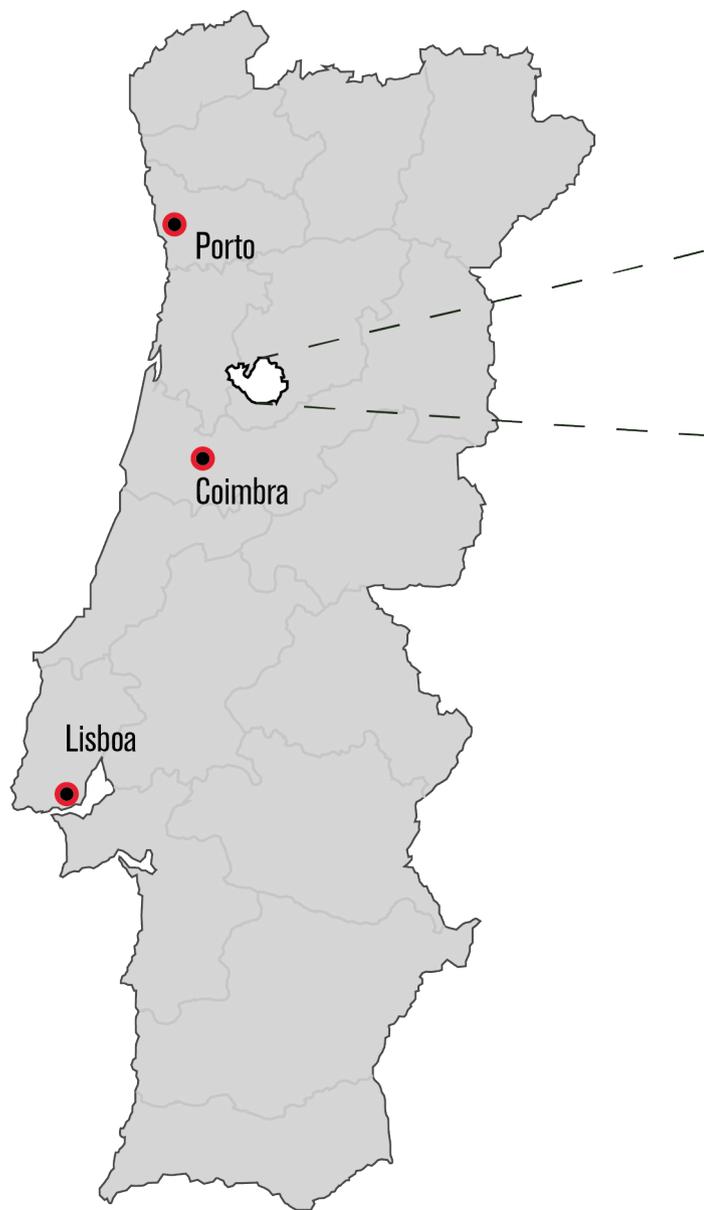
Ao todo, naquele ano, o Sistema do Centro de Investigação Comum da Comissão Europeia registrou 316.100 hectares perdidos para as chamas em Portugal - uma área correspondente ao distrito de Viana do Castelo. Ainda que as causas desses incêndios não tenham sido esclarecidas - especula-se inclusive que possam ter sido causados por ação humana - naquele ano, Portugal registrou o mês de setembro mais seco dos últimos 87 anos.

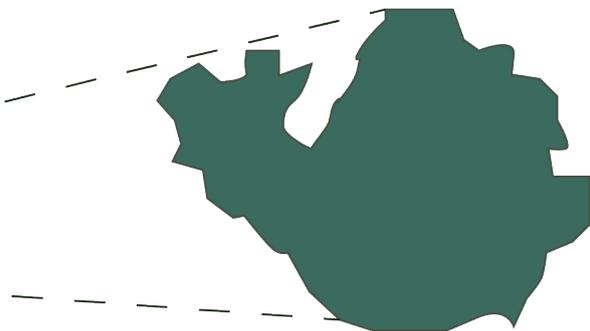


Território de Portugal durante os incêndios de 2017. Registro: NASA.

## Tondela

Localizado na província de Beira Alta, no distrito do Viseu, região central de Portugal há aproximadamente 67,5 km de Coimbra, o concelho de Tondela conta com área de 371,22 km<sup>2</sup> e população de 28 946 habitantes (2011). Fundado em 1515 sob o antigo nome de concelho de Besteiros, Tondela divide-se em 19 freguesias, e está inserido numa região de paisagem diversa, contendo em seu território parte da Serra do Caramulo, uma elevação de 1075 metros de altitude, além da presença florestal de extensas manchas de vegetação autóctone, especialmente soutos de castanheiros, carvalhos-negral e pinheiros. Zona de forte produção agrícola, tem como uma das principais produções locais o vinho branco, produto de excelência da região do Dão, conhecida popularmente como a “Borgonha portuguesa” devido à qualidade de seus vinhos.





Tondela

Tondela foi um dos concelhos atingidos pelo segundo incêndio de grandes proporções que atingiu Portugal, em outubro de 2017. Ao todo, o concelho teve 4 mortos em seu território, além de uma série de edificações e grande parte de sua área de preservação destruídas. A partir da tragédia, toda a comunidade portuguesa se uniu para prover alimentos, abrigo e recursos para os atingidos pelas chamas. Em Tondela, a prefeitura elaborou uma série de ações, entre elas, a criação de um Programa de Apoio à Reconstrução de Habitação Permanente e Não Permanente.

Em 18 de dezembro de 2018, a prefeitura do concelho de Tondela lançou edital de concurso público de ideias para a construção de um memorial dos incêndios de outubro de 2017 a ser construído na ampliação do Parque Municipal do concelho.

O primeiro lugar receberia prêmio em dinheiro e teria seu projeto construído na ampliação do Novo Parque Municipal de Tondela, em espaço designado previamente pela organização do concurso. Dentre as normas presentes no edital do concurso, exigia-se que as propostas fossem desenvolvidas por equipes de no mínimo duas pessoas e que uma delas seria, mandatoriamente, artista visual. Também exigia-se que os premiados tivessem condições de acompanhar e desenvolver o projeto até a etapa final de construção do projeto, cujos custos totais não deveriam ultrapassar o valor de 50.000 euros.

*“As presentes Normas de Participação definem as condições para a submissão de propostas para a execução de uma instalação permanente enquanto marco simbólico do modo como a população reagiu aos incêndios de 15 de outubro de 2017. O resultado das propostas pode tomar a forma de um monumento/memorial, mas pretende-se principalmente que o resultado a implementar contribua para um aumento de um sentimento coletivo de pertença e que ative um entendimento mais alargado relativamente ao valor da paisagem envolvente, reforçando-se também uma dimensão preventiva que este elemento poderá estimular junto da população.*

*Deste modo, a sua forma pode desenvolver-se a partir de propostas escultóricas e/ou arquitetónicas, que proponham diferentes relações entre os seus residentes, com os visitantes e com a paisagem, assente numa perspetiva de futuro, em vez de acentuar exclusivamente um momento particular do passado.*

*Consequentemente, pretende-se que as equipas participantes sejam multidisciplinares e que, a partir da articulação de diferentes áreas de conhecimento, se possam gerar oportunidades de debate sobre a forma como este elemento se deverá relacionar o passado com o futuro, assim como com a população e com a paisagem envolvente.”*

Fonte: <https://www.cm-tondela.pt/memorial-incendios/>

Em dezembro de 2018, eu cursava o primeiro ano do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público - MA-DEP, curso oferecido pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em Portugal. Já havia cursado na FAU, durante o primeiro semestre de 2018, a disciplina de Trabalho Final de Graduação I, cujo objeto de estudo era o edifício do Teatro de Contêiner, sede da Cia Mungunzá. Sob orientação do prof. dr. Fábio Mariz Gonçalves, concentrei-me em algumas das problemáticas relativas ao edifício e seu entorno, a apropriação daquele espaço e o contexto no qual suas atividades se davam.

Com a aprovação no processo de intercâmbio, optei por um curso cuja área de pesquisa era de grande interesse pessoal: intervenções artísticas/arquitetônicas em espaços públicos. Poderia, com auxílio do arcabouço teórico e projetual oferecidos pelas disciplinas cursadas, desenvolver ainda mais meu projeto teoricamente e observar a questão sob um ponto de vista mais amplo, com maiores

referências e maior maturidade.

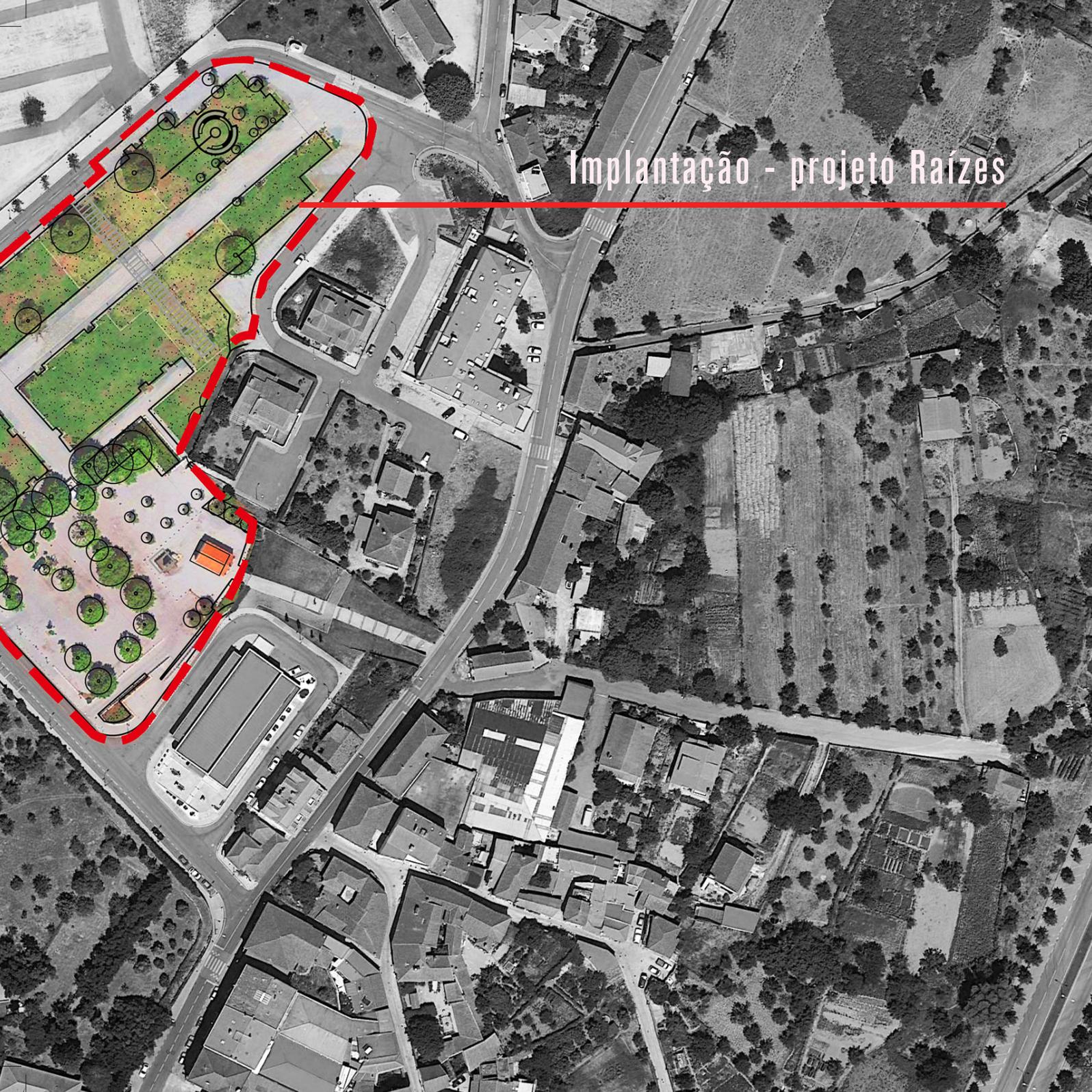
Através do professor Miguel Costa, co-responsável pela cadeira de Projeto do MADEP, tomei conhecimento do Concurso de Ideias para o Memorial de Incêndios de 2017 em Tondela. Ele incentivou a turma a enviar propostas, uma vez que o concurso era aberto a profissionais e estudantes, portugueses e estrangeiros. Animado com a ideia, decidi então que desenvolveria uma proposta como exercício projetual. Uma das normas do concurso era a de que o projeto deveria ser desenvolvido em equipes e que ao menos um dos integrantes fosse um artista visual. Assim sendo, convidei a colega de curso e artista visual Juana Maria Bravo (Colômbia), também interessada no concurso e seu tema, a desenvolvermos juntos a proposta a ser enviada. À medida em que o processo avançou e me dei conta da riqueza desse projeto, percebi, com certa surpresa, que o trabalho desenvolvido para o memorial estabelecia relações com a abordagem que queria dar ao tema desenvolvido anteriormente no Brasil. Ainda que os eventos os quais tratava fossem a primeira vista inconciliáveis, propus ao prof. Fábio Mariz, meu orientador, que esse projeto fizesse parte de minha pesquisa de TFG. Ele, cautelosamente, sugeriu que o projeto estivesse concluído para que vissemos sua aplicação no contexto já desenvolvido em 2018.

Antes de meu regresso ao Brasil, recebi a notícia de que o nosso projeto “Raíces” tinha sido premiado com o primeiro lugar no concurso, e me seria exigido, como arquiteto, que desenvolvesse a ideia para que tomasse forma no memorial a ser construído. Decidimos então, eu e Fábio, não só pelo êxito do trabalho como também pelo nível de exigência que esse projeto demandaria a partir daquele momento, que o projeto “Raíces” seria o objeto principal do presente volume.

# Parque Municipal de Tondela



# Implantação - projeto Raízes



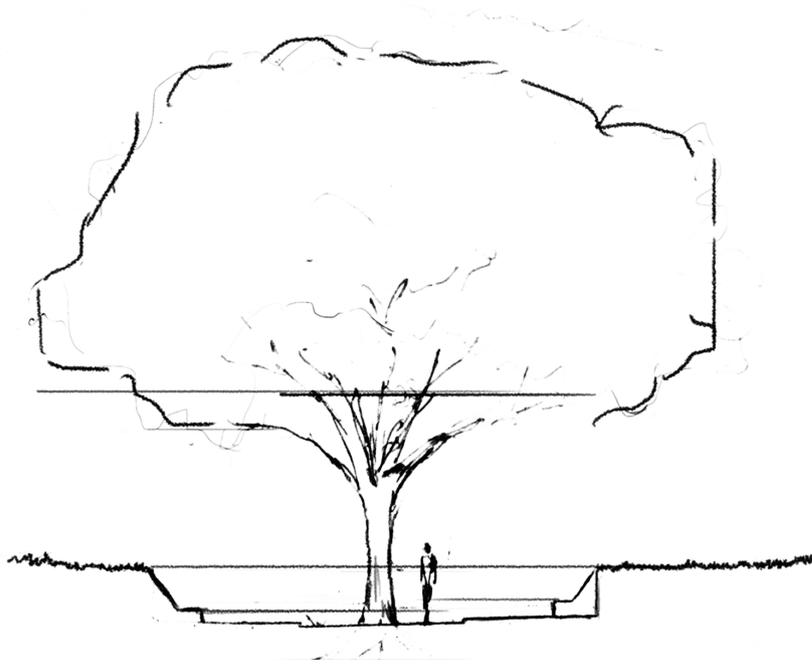
## O Processo de concepção

Assim que demos início ao processo de desenvolvimento do projeto, já em nosso primeiro encontro, reservamos um caderno pessoal para manter nossas ideias reunidas num único suporte. O desenho me é, pessoalmente, a ferramenta mais potente para a expressão de ideias projetuais, ainda que também tenha suas condicionantes e limites. Numa das primeiras páginas do diário pessoal de desenvolvimento do projeto, consta a seguinte sentença:

*“uma experiência que se transforme com o passar do tempo - que sinta os processo naturais e a sua transformação na própria obra/experiência.”*

Os primeiros desenhos, ainda mais de projetos que nos são caros, carregam consigo um frescor outro, uma potência característica do vir-a-ser das coisas; e parece que sempre que os folhearmos encontraremos ali toda magia e intensidade que nos acompanhavam em nossos primeiros passos. É como se ali estivessem guardados todos os anseios que pensávamos ter esquecido, mas que estão latentes em nossa própria carne - como se esses desenhos fossem também uma chave de acesso; um portal de volta a um passado reconciliado consigo.

Nossa primeira preocupação foi, a partir do que nos foi pedido, criar um elemento de acesso que mediasse e trouxesse à consciência a relação de seus usuários com o tempo. O texto de descrição do que era esperado dos projetos por parte da equipe julgadora era claro ao dizer que não se tratava de um objeto de culto ao passado, mas sim, um lembrete às gerações que ali coexistissem da força de seus conterrâneos frente à adversidade vivida e da necessidade de se construir um novo futuro.



Munidos dessa informação, nossos primeiros esboços carregavam a preocupação com um design que narrasse a experiência da vida e de seus ciclos e leis intransponíveis a partir de sua própria disposição no espaço e materialidade. Estão presentes em nossos desenhos formas geometricamente próximas ao mais simples dos elementos, sintéticas e limpas; caminhos de conexão que reforçam uma narrativa, menções a materiais em sua forma mais intacta. A simplicidade e tutilidade seriam as leis que nos guiaríamos; não queríamos ali propor algo que se sobrepusesse inclusive ao nível do já existente, nem mesmo algo que fosse mantido “imutável” - características facilmente atribuídas a quaisquer monumentos desde a Antiguidade Clássica. O caráter poético se daria pela relação do observador com aqueles elementos ali dispostos e como eles o remeteriam a um estado de apreensão dos acontecimentos envolvidos na construção daquele projeto, e mais - como eles despertariam no usuário/experienciador a conscientização acerca da importância de se cultuar a natureza e seus ciclos. O memorial como objeto de arte relacional.

É importante salientar - e talvez isso seja um dos pontos mais relevantes a ser dito sobre esse trabalho - que em todas as suas etapas, desde a concepção ao projeto em si, passando pelas revisões que garantiram a esse processo caráter mais cíclico que linear, o maior guia de nossos caminhos foi a intuição. O nosso processo conceptivo foi, principalmente no início, algo como vendar os olhos e tatear, inalar, ouvir - aproximar-se da experiência almejada através de outros sentidos que não a viciada experiência da visualidade. Evocamos de nosso imaginário e repertório poético as lições que elementos naturais e seus processos de transformação têm nos dado desde tempos imemoriais: as duras pedras e sua intransponibilidade levadas a cabo pelo mais fino grão de areia; o suave curso das águas que cortam a paisagem e que carregam a potência irrepreensível das marés; as sementes e seu dever de povoar a terra com diversidade e abundância; o forte cheiro da terra úmida, cerne de toda a vida terrestre.



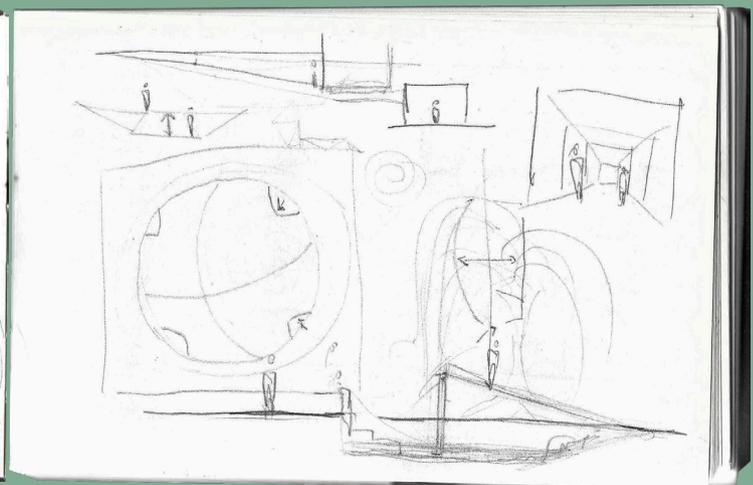
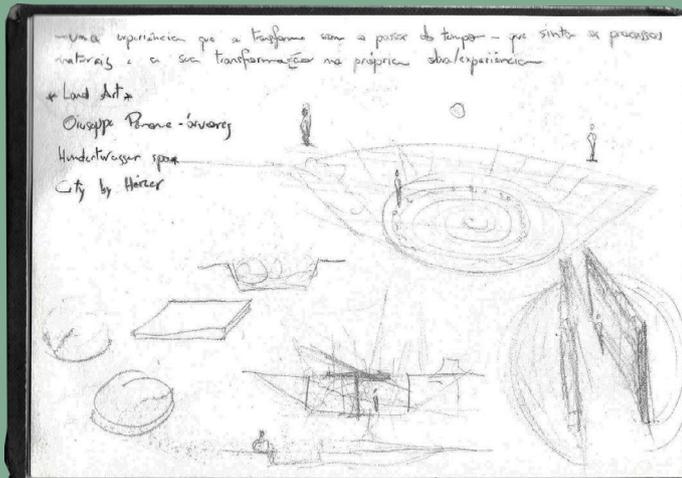
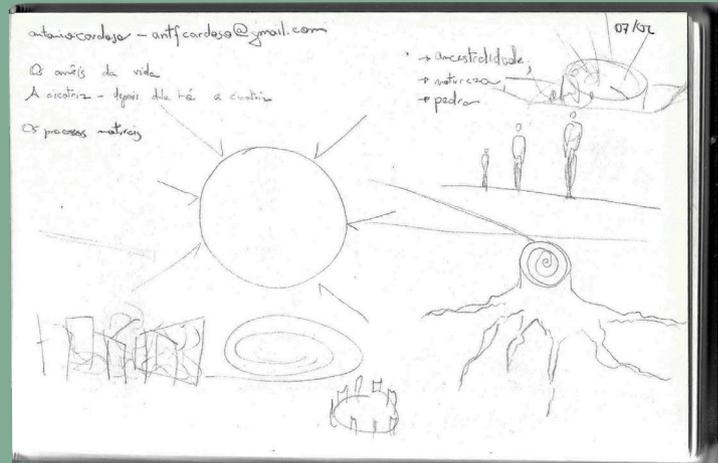
Essa foi a estratégia para tentar-se proteger o projeto de imagens pré-concebidas ou mesmo de um suporte pré-definido - arquitetura e/ou objeto de arte - como ponto de partida de discussão: a dinâmica que floresceu foi um atentar-se à particularidade dos elementos naturais na sua forma mais primitiva, em grande parte devido ao tema da morte e transformação dos ciclos da vida e da natureza, como primeira forma de aproximação.

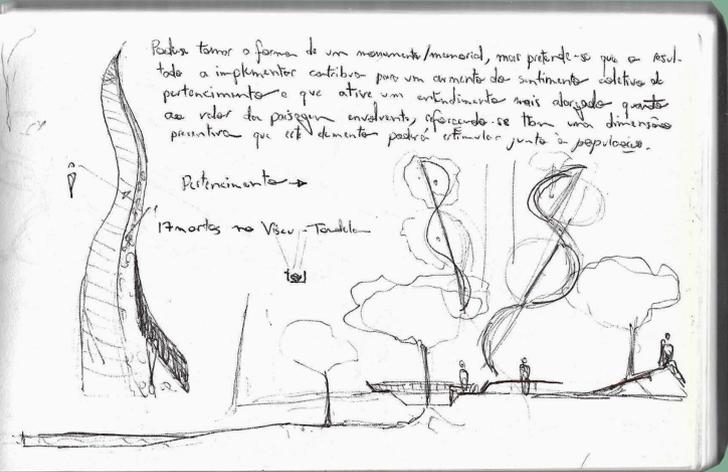
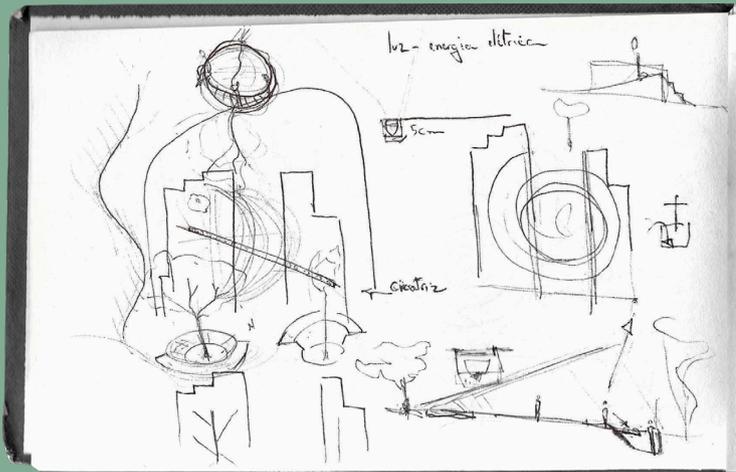
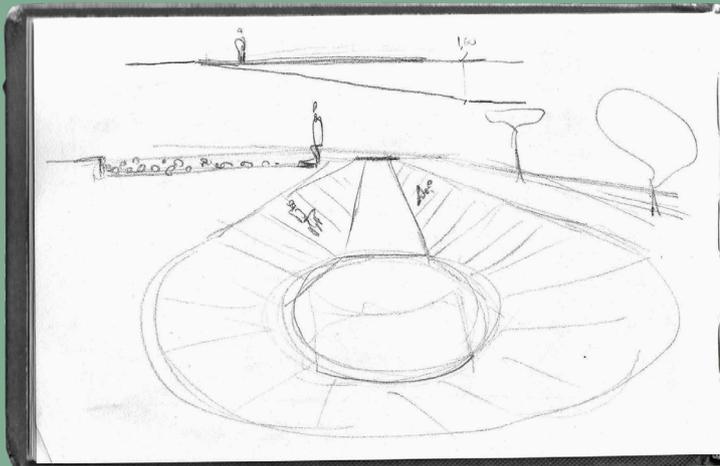
Aproximar-se do elemento constitutivo em sua forma mais primária, da experiência ou da ideia de experiência da matéria como forma de unir as peças afins de um quebra-cabeça que foi-se revelando à medida que nossas aspirações e devires ganhavam seus primeiros rascunhos.

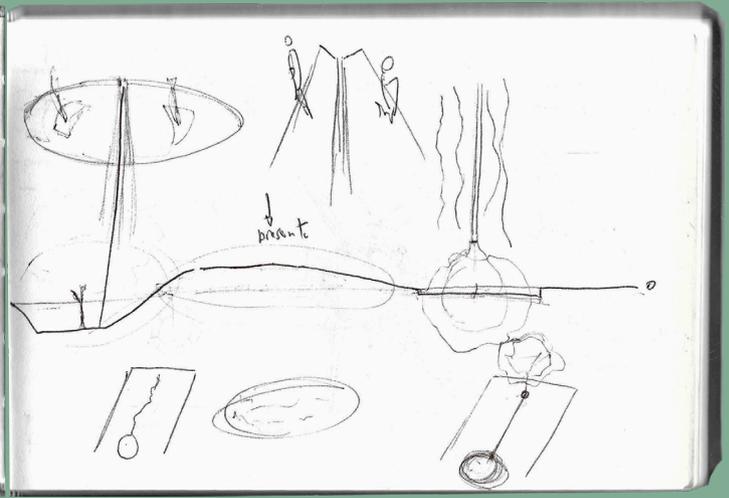
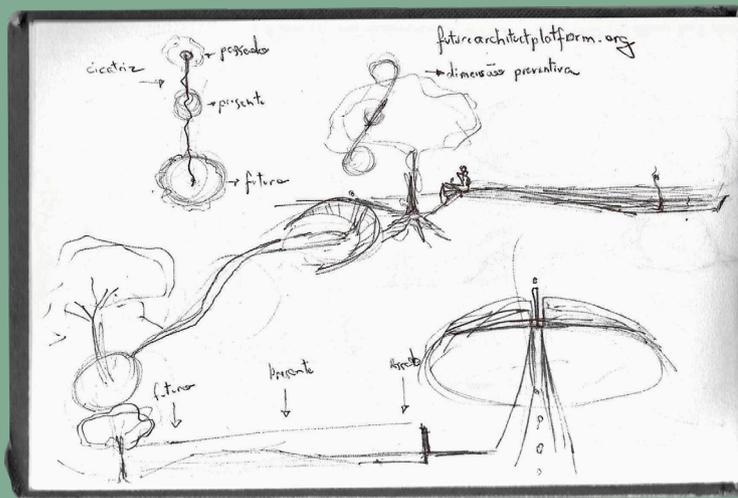
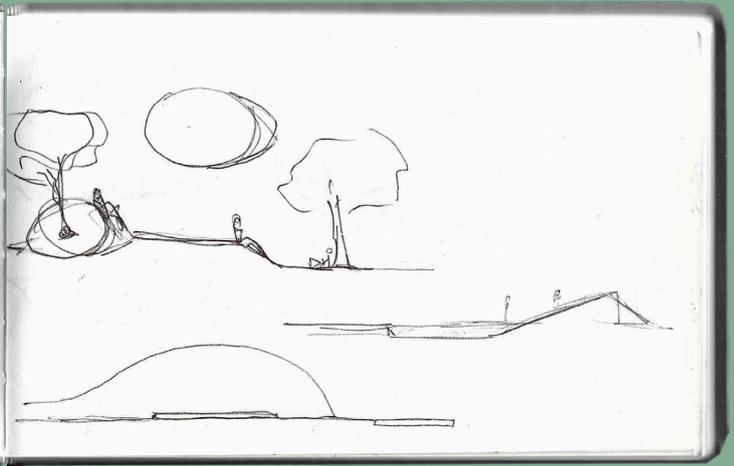
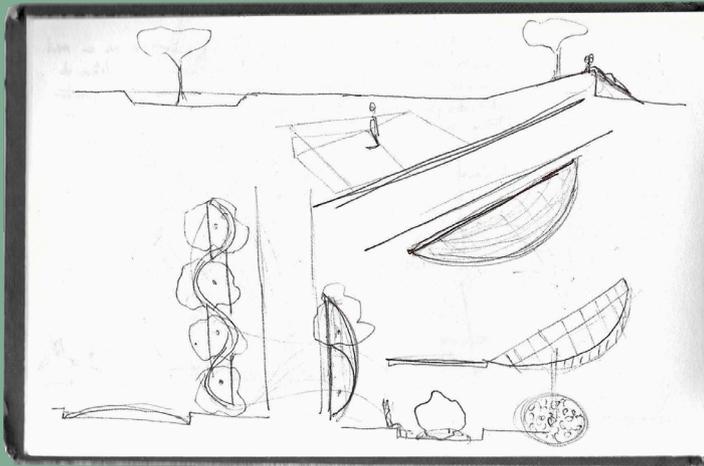
O caráter narrativo da experiência que queríamos alcançar está presente em todos os desenhos, desde os primeiros esboços. Hoje, ao analisar os nossos primeiros anseios, percebo que pretendíamos, através de um caminho desenhado e pensado para tal, levar a cabo a ideia de um usuário que perceba e corporifique a coexistência das três qualidades do tempo - passado futuro e presente - num mesmo espaço/tempo. Uma experiência ao mesmo tempo ecumênica, totalizante e, de certa forma, mística.

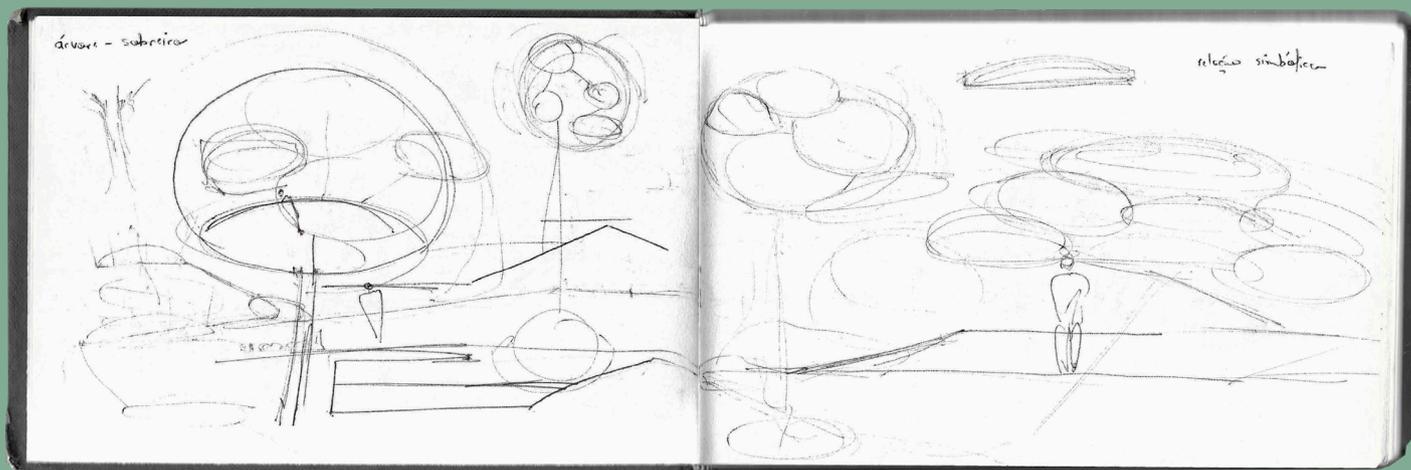
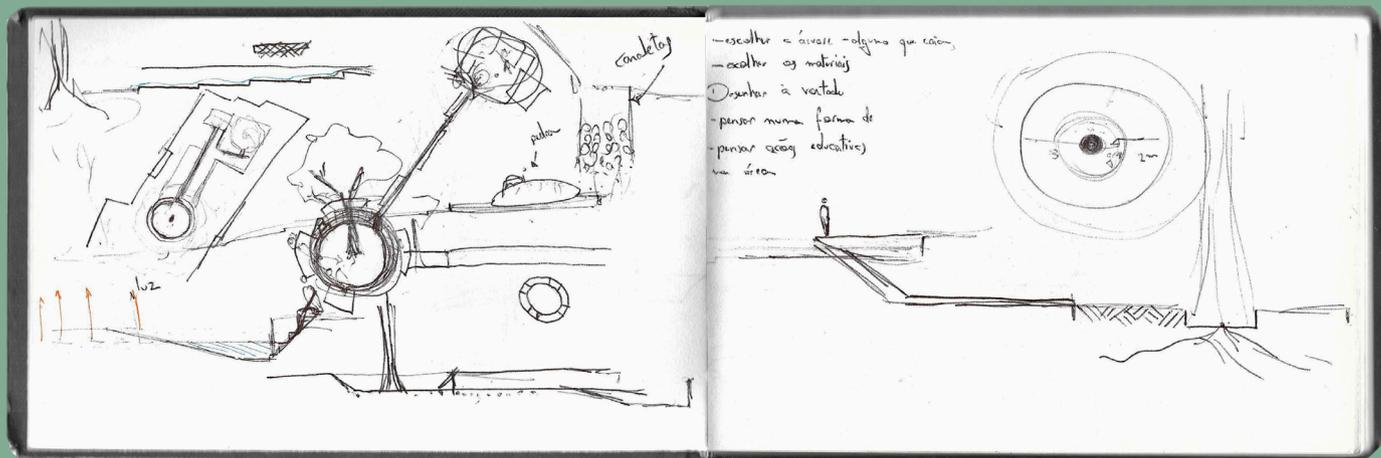
Apresento a seguir um compêndio de imagens do caderno sequencialmente, tal como foi desenhado, de modo que o processo possa ser “sentido” da forma mais sincera o possível; assim, atribuindo a exata medida a minhas palavras: ora insuficientes, ora demasiadas.

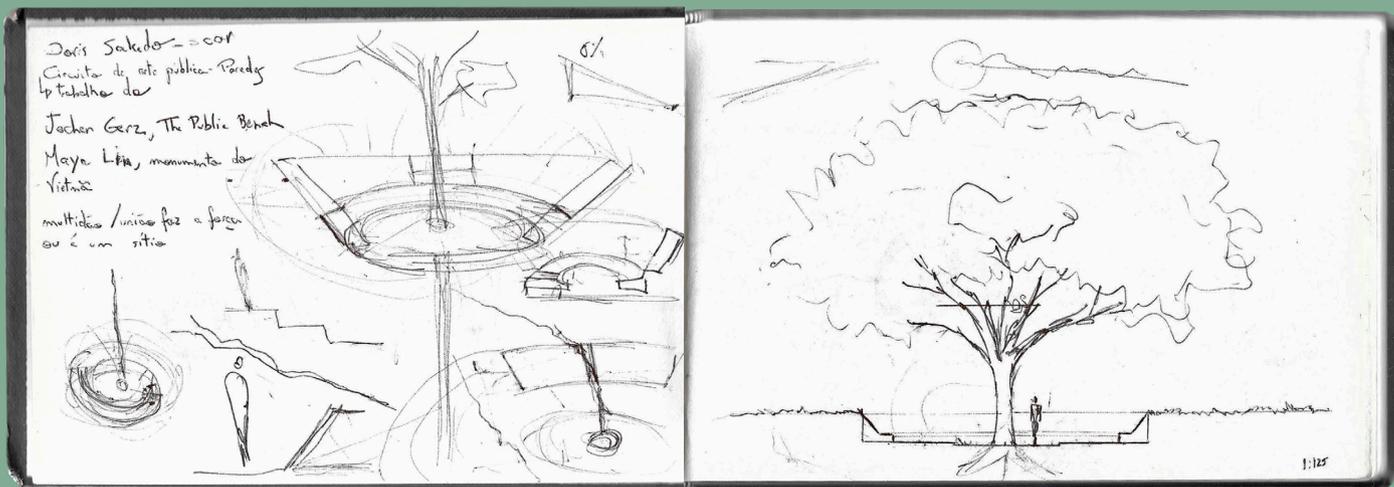
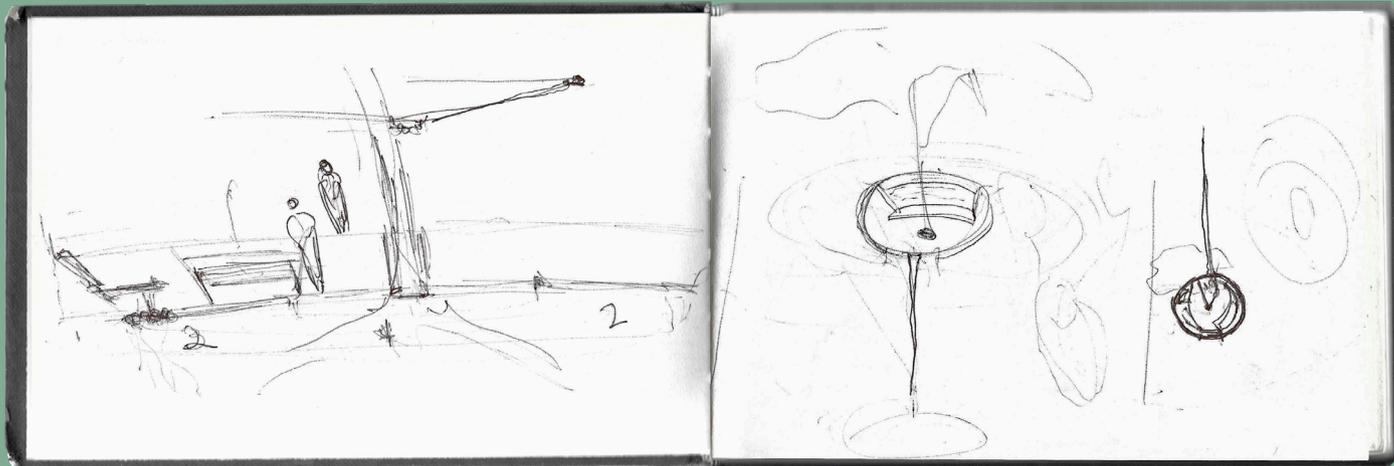
# Caderno proces- sual

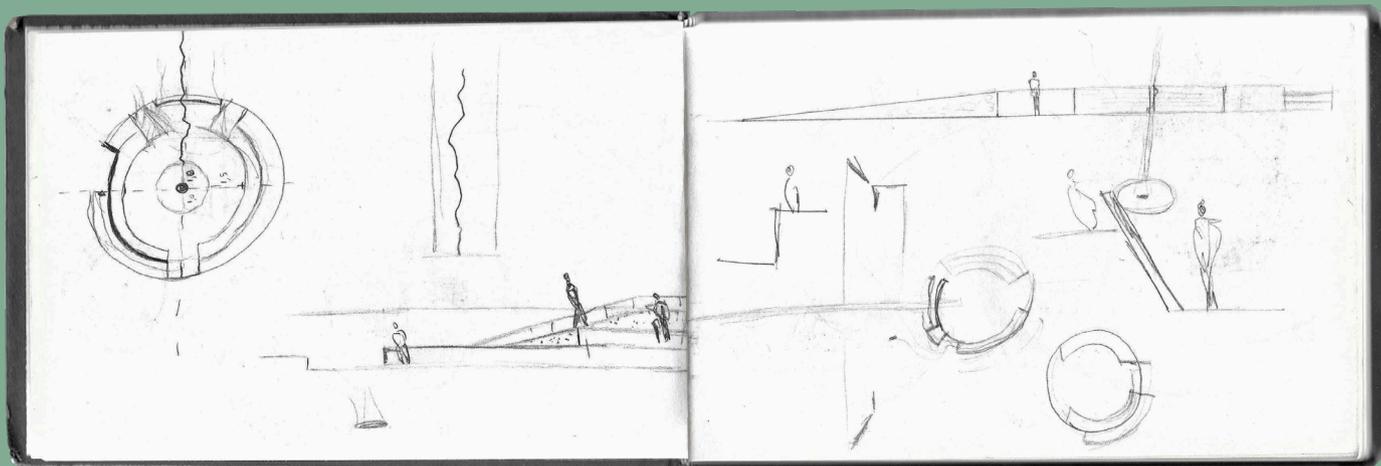
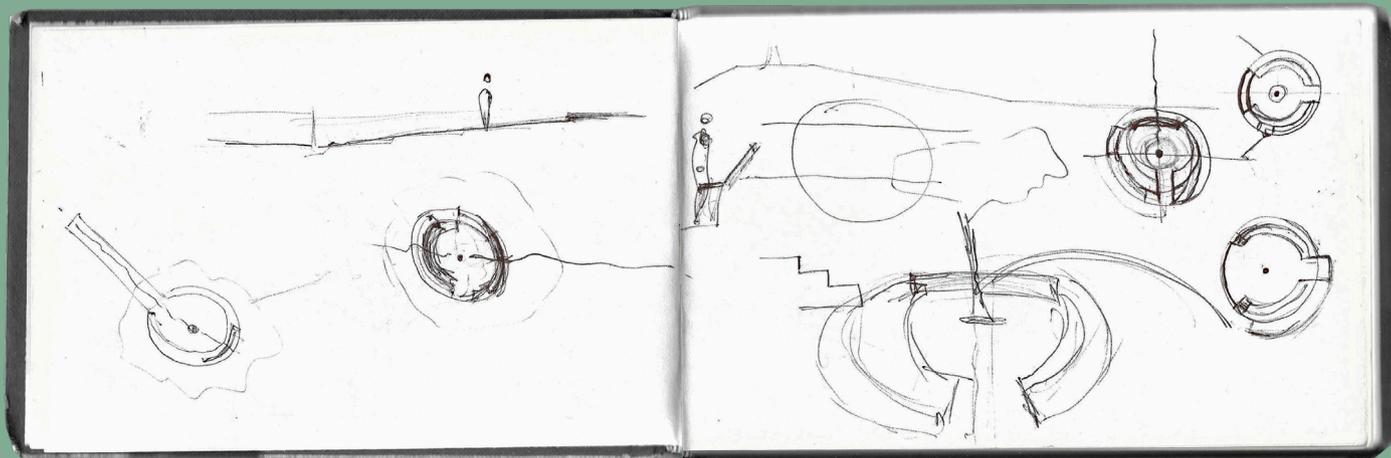




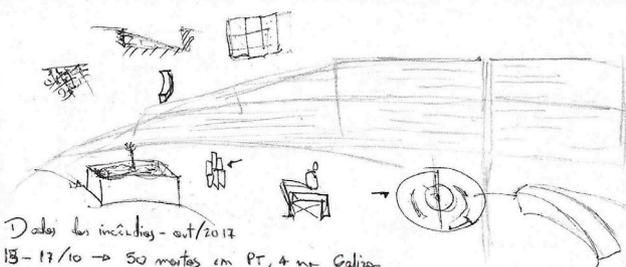












Dados dos incêndios - out/2017

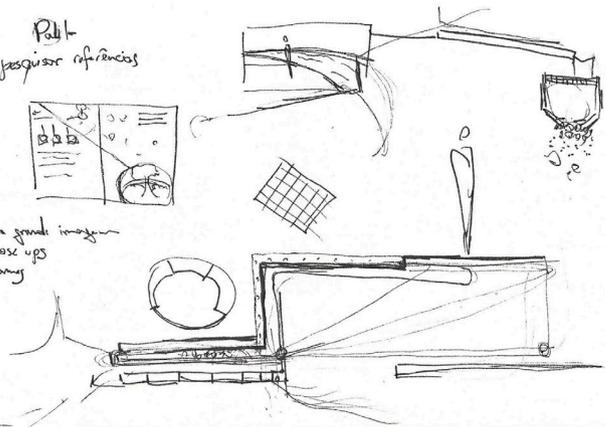
18-17/10 → 50 mortos em PT, 4 na Galiza  
71 feridos

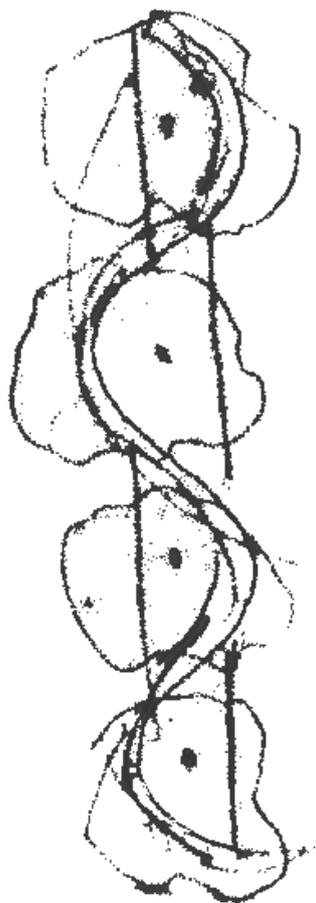
Locais: Louzã (vila & Coimbra), Santa, Pampilhosa da Serra, Pinhal de Leiria,  
Seia, Melas, Mangualde, Gouveia, Oliveira de Hospital, Taboão, Penacova,  
Mortágua, Santa Comba Dão, Tondela, Arganil, Vale de Cambra, Mombasa,  
Castanheira, Figueira da Foz, Aveiro (Vagos) - 22 localidades

Peñit  
-pesquiso referências



Uma grande imagem  
close ups  
many

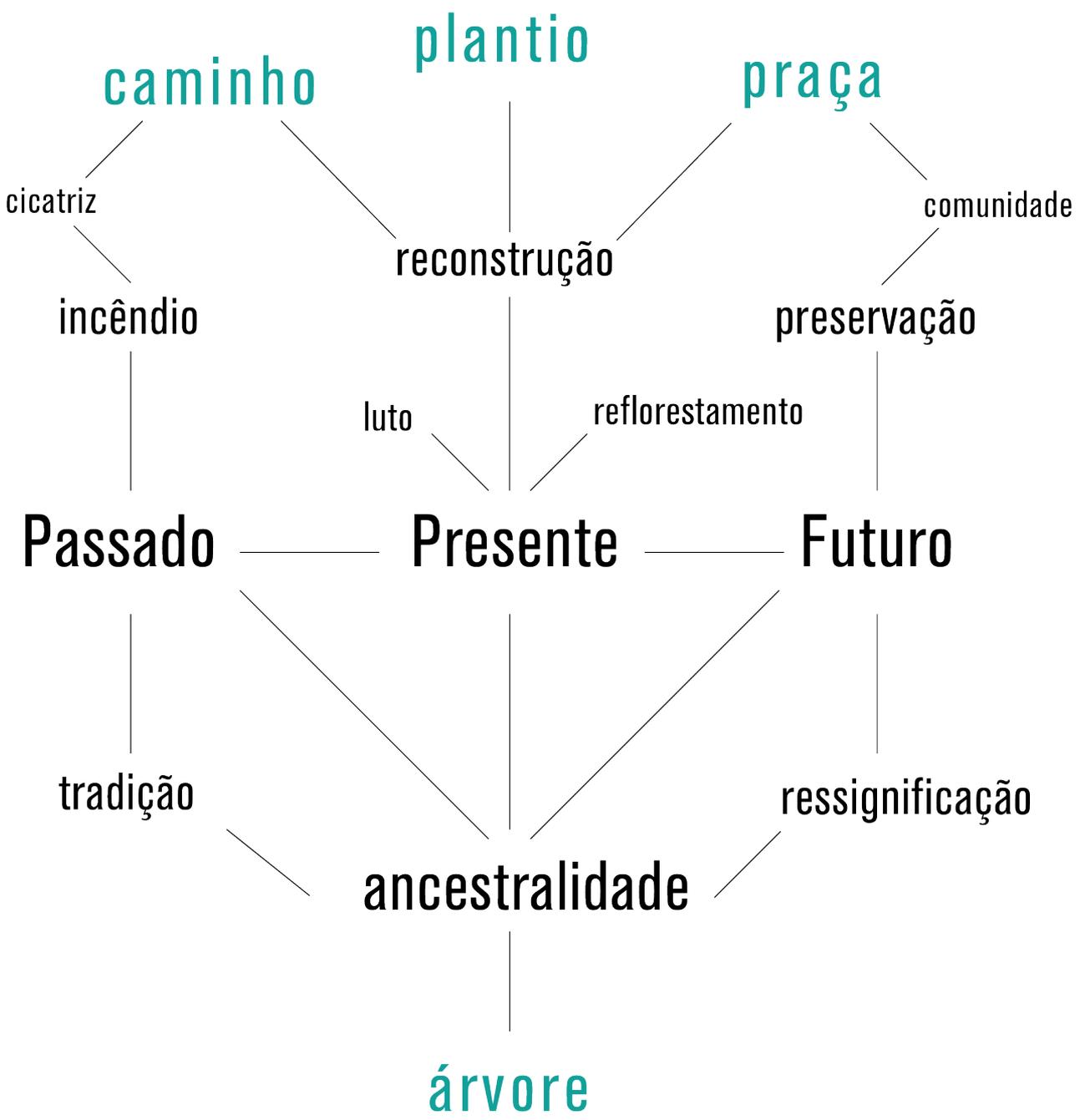




Pode-se notar, de acordo com os desenhos apresentados no caderno de ideias, que o processo de desenvolvimento de projeto passou por uma depuração de seus elementos constituintes. Muitas ideias foram abandonadas em detrimento de elementos que, a nosso ver, eram de relevância maior à transmissão das ideias que pretendia-se passar com o projeto.

De forma a facilitar a compreensão da leitura desse projeto, é apresentado ao lado um diagrama de raciocínio projetual.

Partindo-se da linha do tempo e seus três elementos constituintes - passado, presente e futuro - definem-se algumas palavras-chave que guiarão a compreensão dos sentimento/intenções relativos aos acontecimentos de 2017. A partir delas: incêndio, luto, reflorestamento, reconstrução, preservação, tradição, ancestralidade, ressignificação - termos definidos como “respostas” projetuais, isto é, suportes físicos à mensagem, puderam então ser melhor definidos: caminho, plantio, praça, árvore.



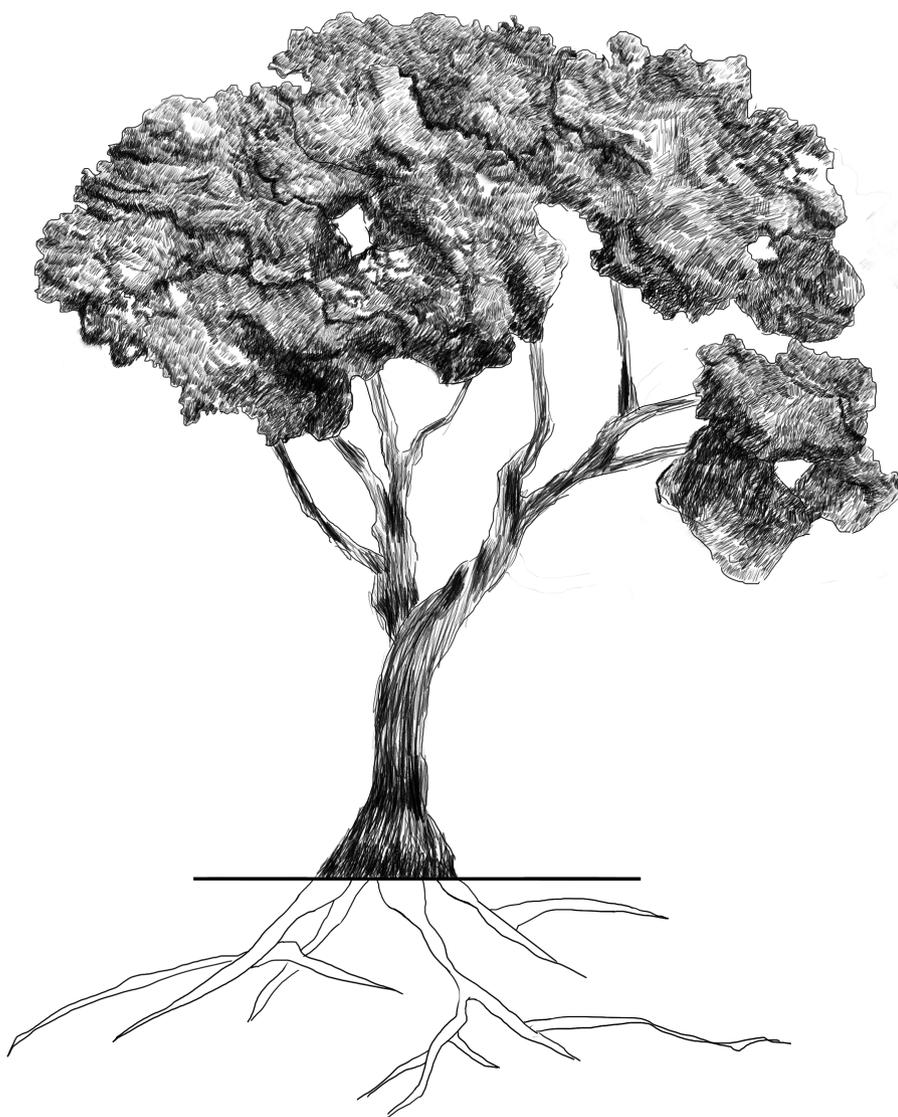
Durante nossas pesquisas, a questão de como o reflorestamento das áreas afetadas estava sendo tratado nos chamou atenção. A região tem sofrido um processo de desconfiguração com a plantação de eucaliptos, espécie invasora.

Essa espécie tem como característica a alta drenagem do solo, o que acarreta a longo prazo desequilíbrios ainda maiores ao clima e ao meio ambiente como um todo. Munidos dessa informação, optamos por inserir também essa preocupação como elemento de projeto. Desde o início, havíamos pensado em trabalhar com o elemento da transformação da matéria e dos ciclos da natureza através da observação de seus processos: no entanto, a questão de preservação do meio ambiente ocupa também um lugar de destaque. Assim sendo, decidimos que a árvore ocuparia um lugar central, não só em termos de discurso, mas geograficamente falando, no projeto: inserir no centro de uma preocupação a observação da natureza e de seus processos.

Essa história é a que precisa ser recon-tada, re-aprendida e re-incorporada na consciência de toda uma sociedade.

## Sobreiro - árvore de Portugal

O sobreiro, árvore típica da região, possui qualidades que a difere de demais espécies tradicionais - sendo uma das mais antigas árvores vivas em solo português (o mais antigo exemplar data de 1779), ela é essencial para parte da cultura portuguesa. É de sua casca que se retira a cortiça que serve de material para uma infinidade de produtos, das rolhas das garrafas de vinho a bolsas, sapatos, acessórios, os quais tipicamente se atribui à cultura portuguesa por serem de cortiça e só são utilizados dessa forma naquele país. A cortiça retirada da casca dos sobreiros obedece a um ciclo de nove anos de seu crescimento para que possa, pela primeira vez, ser extraída. Além disso, o sobreiro tem por características o lento ciclo de crescimento,

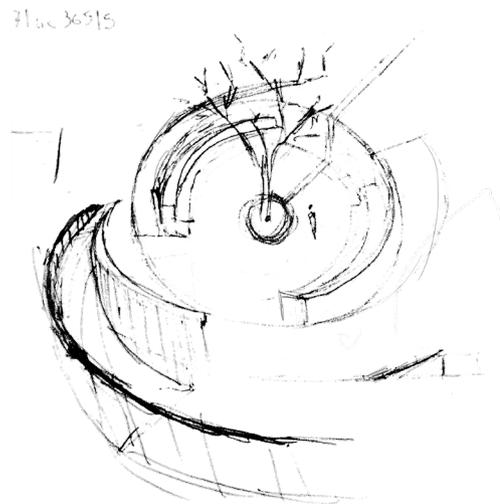


e possui alta capacidade de manter a umidade natural do solo, ao contrário da espécie hoje plantada na região.

Por todas essas características, o sobreiro adquire a função de contador da história de sua terra e gente - sua cultura e herança. Acreditamos que essa árvore, dada sua importância para a cultura do povo das lavouras, das caves - a gente portuguesa - poderia ser o ponto central de uma mensagem que, ao nosso ver, precisa ser soprada aos quatro ventos, tal qual um mantra, a todas as novas e velhas gerações: a urgência de se olhar para o nosso patrimônio mais primeiro, nossa origem mais profunda enquanto espécie, hoje de capital relevância para a nossa própria sobrevivência.

## Um espaço em outro nível

Outra questão contemplada e transmitida em projeto relaciona-se ao uso e potencialidade daquele espaço para além de seu “programa” - seria apenas um local de visita? Um espaço para se brincar? O projeto foi desenhado para ser não só um espaço de passagem, mas antes, de contemplação e vida - que quem dele faça uso tenha ali uma praça, a sombra de uma árvore, um espaço generoso para ficar e descansar, namorar, brincar, realizar quaisquer atividades que se deseje.



O relativamente baixo desnível de 1 metro em relação ao nível do entorno pode vir a potencializar a amplitude de usos desse espaço, a despeito do rompimento com a linearidade presente. Cria-se ali um banco em meio à grama, um guarda-corpo para as rampas, um encosto para quem não quer se sentar nos bancos presentes, um espaço que possa ser adentrado em um salto, e que converse com a maior diversidade de corpos possível. Um desnível que não limite possibilidades, por ser adequado à escala do próprio corpo. Ainda assim, o memorial conta com duas rampas que servem-lhe como as duas únicas entradas a partir do nível do solo, o que reforça a ideia de um caminho condicionado e permite que usuários com mobilidade reduzida tenham acesso ao coração do memorial.

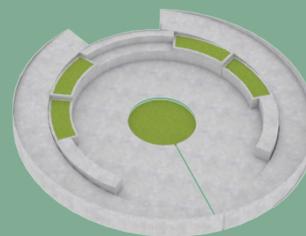
A forma circular, acrescidos todos os valores e ideias já citados, parecia-nos o caminho mais natural para que o caráter narrativo dessa experiência fizesse sentido. A força simbólica do elemento circular, que alude aos ciclos sem fim ou começo e carrega em si uma lógica outra de raciocínio, opõe-se a uma visão parcial e metódica do mundo, traduzida projetualmente em linhas de ângulo retos ou inclinadas. Por ser o elemento síntese da não-hierarquia, dos ciclos e da totalidade, o círculo receberia em seu centro e semente do futuro - o Sobreiro, também narrador de sua ancestralidade e prova viva da evolução de sua espécie, como são todas as formas de vida na Terra.

A narratividade da experiência ficou sintetizada na fina linha de luz no solo desde 15 metros afastada do início do memorial até seu centro. Ela representa a cicatriz na memória daquela gente à luz dos acontecimentos de 2017. E, como todas as cicatrizes, um elemento que não pode ser apagado, mas sim, um caminho à ressignificação do trauma e de um renascimento transformado.

O texto a seguir está contido nas pranchas de apresentação do projeto final entregue à banca do concurso de 15/02/2018. Em seguida, as pranchas do concurso, tal como foram enviadas ao júri.

“O Projecto Raízes tem por objetivo criar um espaço comunal de contemplação através do uso de símbolos sobre a renovação da vida, os ciclos da natureza e a superação da adversidade. A forma que engloba o espaço é um círculo, que pode ser encontrado na natureza como uma medida da passagem do tempo, por exemplo, nos anéis de crescimento das árvores.

O Sobreiro é uma árvore nativa de Portugal. O sobreiro mais antigo do mundo está em Portugal e tem 240 anos. Um dos passos mais importantes na prevenção dos incêndios florestais é ter ciência sobre a natureza que nos cerca e entender suas dinâmicas de existência e transformação. Especialistas argumentam que o plantio maciço de árvores estrangeiras como o eucalipto e alguns tipos de pinheiros tem um papel enorme na proliferação de incêndios, pois elas corroem a terra e secam o ambiente ao seu redor. O Sobreiro, pelo contrário, é uma árvore que retém água e mantém o solo úmido. Além disso, a espessa camada de cascas ao redor do tronco não é tão suscetível a pegar fogo quanto a madeira seca. Acreditamos que observar essa jovem árvore crescer com o tempo é uma mensagem forte e clara sobre esperança e expectativa para o futuro.



A estrutura está organizada a partir de uma sucessão de formas circulares que aludem aos ciclos da vida e, novamente, aos anéis de crescimento das árvores que representam a passagem do tempo. O primeiro deles é formado duas rampas simétricas que permitirão a todas as pessoas acesso ao sítio. O segundo círculo “invisível” constitui uma série de níveis que permitem que as pessoas se sentem ou se deitem confortavelmente, se assim quiserem. Nas paredes desse espaço, inseridos estarão nomes de todas as vítimas fatais dos incêndios de outubro de 2017. O betão, material escolhido para dar forma a toda a estrutura; a rocha líquida que carregará os nomes para a eternidade.



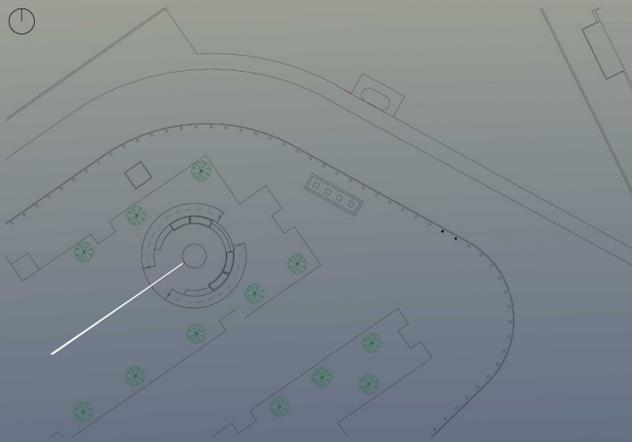
Ao nível do solo uma fina linha de luz marcada estende-se por 15 metros e desce rumo ao centro do círculo, singela e marcante; representa não apenas uma cicatriz na memória de Tondela, mas também sugere o caminho que conduz ao futuro e a uma noção mais ampla dos ciclos necessários à manutenção da vida e à preservação da natureza, representados pelo Sobreiro que cresce no coração dessa estrutura concêntrica, abrigo às gerações futuras a ensinar a força da ancestralidade na experiência humana.

As vastas florestas verdes são um marco do norte de Portugal e a prevenção de calamidades não deve comprometer a integridade de suas espécies nativas, nem essa prevenção deve ser feita com base no medo. Nós não devemos mitigar o perigo reduzindo a visibilidade da flora/vida nativa dentro da cidade - pelo contrário, acreditamos que a melhor maneira de fazê-lo é através da consideração das características naturais desse sítio. Para tanto, colocamos no centro do círculo uma árvore de Sobreiro que irá crescer e mudar a experiência visual e sensorial do espaço ao longo do tempo.”

## Painel 1

# PROJECTO RAÍZES

O Projecto *Raízes* tem por objetivo criar um espaço comunal de contemplação através do uso de símbolos sobre a renovação da vida, os ciclos da natureza e a superação da adversidade. A forma que engloba o espaço é um círculo, que pode ser encontrado na natureza como uma medida da passagem do tempo, por exemplo, nos anéis de crescimento das árvores



A estrutura está organizada a partir de uma sucessão de formas circulares que ajudam aos ciclos da vida e, novamente, aos anéis de crescimento das árvores que representam a passagem do tempo. O primeiro deles é formado duas rampas simétricas que permitirão a todas as pessoas acesso ao sítio. O segundo círculo "invisível" constitui uma série de níveis que permitem que as pessoas se sentem ou se deitem confortavelmente, se assim quiserem. Nas paredes desse espaço, inseridos estarão nomes de todas as vítimas fatais dos incêndios de outubro de 2017. O betão, material escolhido para dar forma a toda a estrutura; a rocha líquida que carregará os nomes para a eternidade.

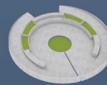
Bancos/plat-formas de concreto armado



Rampas de concreto armado



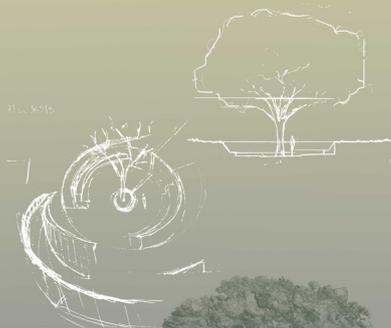
Linha de luz



Base de concreto armado



O Sobreiro é uma árvore nativa de Portugal. O sobreiro mais antigo do mundo está em Portugal e tem 240 anos. Um dos passos mais importantes na prevenção dos incêndios florestais é ter ciência sobre a natureza que nos cerca e entender suas dinâmicas de existência e transformação. Especialistas argumentam que o plantio massivo de árvores estrangeiras como o eucalipto e alguns tipos de pinheiros tem um papel enorme na proliferação de incêndios, pois elas correm a terra e secam o ambiente ao seu redor. O Sobreiro, pelo contrário, é uma árvore que retém água e mantém o solo úmido. Além disso, a espessa camada de cascas ao redor do tronco não é tão suscetível a pegar fogo quanto a madeira seca. Acreditamos que observar esta jovem árvore crescer com o tempo é uma mensagem forte e clara sobre esperança e expectativa para o futuro.



Corte AA



Corte BB



As vastas florestas verdes são um marco do norte de Portugal e a prevenção de calamidades não deve comprometer a integridade de suas espécies nativas, nem essa prevenção deve ser feita com base no medo. Nós não devemos mitigar o perigo reduzindo a visibilidade da flora/vida nativa dentro da cidade - pelo contrário, acreditamos que a melhor maneira de fazê-lo é através da consideração das características naturais desse sítio. Para tanto, colocamos no centro do círculo uma árvore de Sobreiro que irá crescer e mudar a experiência visual e sensorial do espaço ao longo do tempo.



## PROJECTO RAÍZES

Ao nível do solo uma fina linha de luz marcada estende-se por 15 metros e desce rumo ao centro do círculo, singela e marcante; representa não apenas uma cicatriz na memória de Tondela, mas também sugere o caminho que conduz ao futuro e a uma noção mais ampla dos ciclos necessários à manutenção da vida e à preservação da natureza, representados pelo Sobreiro que cresce no coração dessa estrutura concêntrica, abrigo às gerações futuras a ensinar a força da ancestralidade na experiência humana





(re) contar



*Gordon Matta Clark Conical Insect (1975). Courtesy of Galerie Marian Goodman Gallery.*

# Morte ao futuro

*“A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. [...] A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado.” (HAN, 2015; p.26)*

O futuro está ameaçado.

Em “Sociedade do Cansaço” (Ed. Vozes, 2015) o filósofo Byung-Chul Han afirma que a sociedade contemporânea vive hoje sob a égide do paradigma do desempenho, no qual estamos, invariavelmente, ao limite de nossas capacidades emocionais e psíquicas. Esse cenário, reação à sociedade capitalista em sua forma contemporânea - que tem por algumas das características a precarização e flexibilização das relações de trabalho vivenciadas pelo proletariado nos mais diversos setores; o enfraquecimento das lutas sociais, políticas e das bandeiras de movimentos minoritários através de sua inserção no contexto mercadológico de nichos específicos; as flutuações do mercado financeiro; o fortalecimento de grandes aglomerados multinacionais que, continuamente, destroem os recursos naturais e manipulam o jogo democrático a partir de seus interesses - manifesta-se nos corpos vivos através de uma “pandemia” de colapsos e doenças neuronais, tais como depressão, burnout, pânico, psicose, entre outros. O sujeito do desempenho, empreendedor de si mesmo e doutrinado a responsabilizar-se por todos os fracassos que vivencia em sua jornada rumo ao topo da pirâmide social em meio ao incessante ritmo de auto-exploração que lhe é imposto “por si” como ele é programado a pensar, não encontra espaço para questionar e

analisar o contexto no qual está inserido; sua única luta é em nome da autopromoção de si mesmo, sua bandeira identitária é facilmente encontrada em lojas de souvenirs dos mais diversos públicos, sua indignação frente ao crescimento exponencial da violência urbana, aos continuados golpes à democracia, aos direitos civis e à devastação galopante do meio ambiente findam-se ao bloquear de uma tela de celular, e sua maior manifestação limita-se à dicotomia like/dislike, follow/unfollow.

*“O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está apenas submisso a si mesmo. [...] O explorador é ao mesmo tempo explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos.”*  
(HAN, 2015; p. 30)

O mundo virtual, ou a nuvem, cujo termo não poderia ser mais apropriado ao novo suporte para as relações humanas que se tornaram a internet e as redes sociais, cria novas dinâmicas de apropriação do discurso.

Nesse espaço, é possível organizar manifestações em tempo recorde e mapear os assuntos mais comentados do dia a partir de hashtags e trend topics - tal qual uma nuvem, que rapidamente forma o tempestuosa aspiração da chuva e se dissipa ao sabor do vento, em mesma velocidade. Os meios de comunicação antigos adequam-se à nova realidade e, cada vez mais, estão a serviço do que se comenta e lê nessa plataforma que, talvez seja possível afirmar, comanda e dá forma aos acontecimentos do mundo analógico, seu suporte primeiro, num claro movimento de inversão. A manipulação das massas nunca esteve tão disponível, fato que se pode comprovar com movimentos como a eleição de Donald Trump, nos EUA; de Jair Bolsonaro, no Brasil; o Brexit, no Reino Unido. O ódio e a polarização são semeados e cultivados através de fakenews disparadas por companhias especializadas em manipular massas, contratadas por grupos sem face e com apenas um interesse: a manipulação da opinião pública, cujo perfil de cada um de seus membros está disponível e pode ser acessado via facebook.

*“Todo o asfixiante sentimento de impotência que esta organização social cultiva em cada um de nós, a perder de vista, é apenas uma imensa pedagogia da espera. É uma fuga do agora.[...] A época é dos tenazes.”*

*(COMITÊ INVISÍVEL, 2017; p. 18)*

Enquanto governos dos países mais poluentes do mundo recusam-se a diminuir emissões de CO<sup>2</sup> e rompem acordos essenciais à diminuição da temperatura terrestre, o aquecimento global avança, tal qual o nível dos oceanos sobre terra firme; florestas sofrem com queimadas cada vez mais severas; as estações desfiguram-se, e muitos dos recursos naturais essenciais à nossa sobrevivência já nos são escassos. A vida marítima extingue-se a conta gotas, a fauna e flora terrestres também. Vastos campos de monocultura estendem-se por regiões desmatadas; espécies invasoras drenam os solos que ora eram lar de espécies nativas e de um meio ambiente projetado pela natureza desde tempos imemoriais.

Tempo.

Nesse contexto perverso, o tempo se esvai de nossas mãos.

Não há tempo; tampouco memória, essa substância do tempo que se espreme ante o mar de informação que nos emboita, com eficácia similar ao mais forte dos fármacos antidepressivos. Monumentos à memória já não dão conta de nosso passado. A própria noção de passado atualizou-se - o período de dez anos traz uma infinidade de avanços tecnológicos expressos em dispositivos cada vez mais sofisticados tecnologicamente e inacessíveis ao bolso da classe trabalhadora sem que grande parte de seus ganhos seja comprometida.

Nossa única obsessão é o futuro. A máquina acelera em ritmo cada vez mais frenético, desordenado e cruel. Passado e presente são pisoteados numa corrida feroz de locomotivas em transe contra o tempo. No entanto, é a promessa de dias melhores que ainda nos mantêm de pé, revelando-se ainda uma das mais fascinantes faculdades humanas.

Mas os tempos não são de esperança.

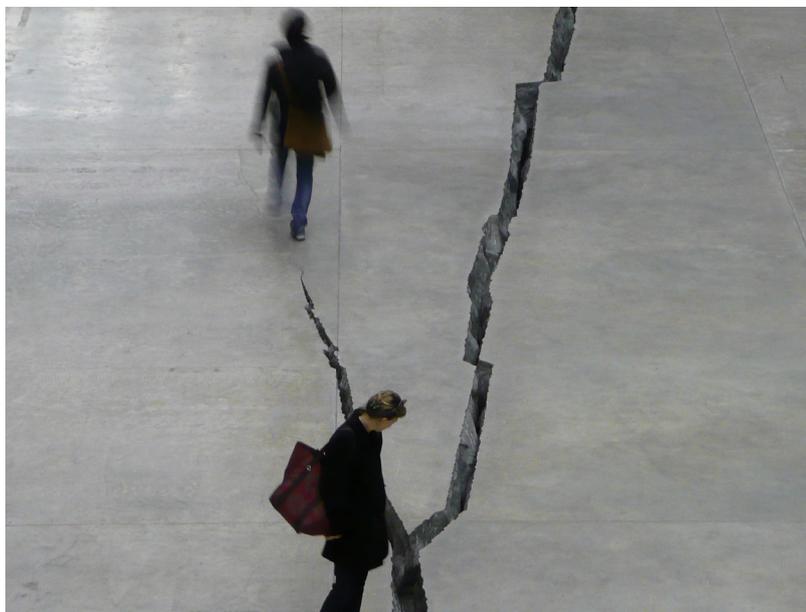
# Tempo de narrar

Em “O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (Brasiliense, 1999), Walter Benjamin fala sobre a arte da narração, isto é, a intermediação de experiências, como atividade em vias de extinção. A pobreza de experiência, característica fundamentada na desmoralização da experiências contemporâneas, dá voz a uma sociedade sem sabedoria, “a voz épica da verdade” (p.203). Ele categoriza o narrador em dois grupos, o viajante, e o sedentário. O primeiro, aquele que desbrava o desconhecido, e sempre tem histórias para contar. O outro, que fica em seu próprio território e vivencia a vida da passagem do tempo de sua gente, testemunha ocular das transformações e guardião das tradições ali criadas. A crise da narratividade e a fragmentação do discurso, vistas como fenômenos da modernidade (e de sua derrocada), põe em evidência a cada vez menor recorrência à experiência da narração dos fatos.

O narrador em Benjamin, enquanto transmissor da sabedoria oral em detrimento do conhecimento, fruto da experiência vivida e incorporada, é o único capaz de traduzir e semear em seu meio um sentimento da vida que, ainda que fruto de um ponto de vista, é genuíno em sua não-totalidade. O descrédito da experiência narrada em nossos tempos confunde-se com a busca pela idoneidade do discurso histórico, da informação passada pelo crivo do cientificismo e rigor próprios ao academicismo. A narração enquanto elemento de investigação do fato histórico traz em si uma série de outras camadas, expostas por Ecléa Bosi em seu “Memória e sociedade: lembranças de velhos” (Companhia das Letras, 2004). A partir da recolha de memórias de velhos moradores da capital paulistana, Bosi discorre sobre o caráter social que o trabalho exerce sobre a narração da experiência. A riqueza com a qual o narrador - nesse caso, os velhos que, junto à mulher e à criança são instâncias “privilegiadas” da crueldade de nossa sociedade de classes - transmite suas memórias permite ao leitor/ouvinte uma apreensão outra da história.

Os ricos detalhes e camadas que, dada sua relevância como elemento vivo da memória, inserem a lembrança e a narração num campo outro, o do ser social que ali viveu, oferecem argumento a uma questão fundamental levantada: a memória enquanto processo de recolha de fragmentos da realidade nunca dará conta de uma narrativa total da história. Tampouco o fará o registro histórico que obedece aos preceitos estabelecidos pela tradição historiográfica. A narração dos fatos, com suas impressões e particularidades, fornece à construção do saber histórico o elemento poético - por ser a poesia um campo de expansão no qual a linguagem margeia o significado e nos oferece um voo para além das cercas do sentido, ele atinge o receptor nos campos da imaginação e do inconsciente que é imprescindível à construção do pertencimento.

*"Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma ideia inspecionada por nosso espírito - é alargamento das fronteiras do presente, lembrança de promessas não cumpridas. Eis porque, recuperando a figura do cronista contra a do cientista da história, Benjamin afirma que o segundo é uma voz despencando no vazio, enquanto o primeiro crê que tudo é importante, conta e merece ser contado, pois todo dia é o último dia. E o último dia é hoje."* (CHAUÍ in BOSI, 2004; p. 18)



Doris Salcedo, *Shibboleth*, 2007-08, instalação, Tate Modern, Londres, imagem: Henning Thomsen

# Atacar o monumento

É sabido, no campo das artes, que os ataques ao suporte foram assunto de grande parte da produção artística ao longo do século XX. Artistas das mais diversas vertentes colocaram em xeque e expandiram os limites de sua linguagem para além de seu campo tradicional de atuação. Historiadores e críticos de arte usam-se do termo “campo ampliado” (KRAUSS, 1979) para traduzir esse movimento de distensão dos limites dos suportes em nome de uma nova linguagem, que mistura-se em muitos casos e confunde-se com elementos de outras disciplinas, como a própria arquitetura. Tal expansão pode representar em alguns casos, principalmente no contexto da pós-modernidade, um ataque também ao status quo e aos mecanismos de inserção da arte no contexto dos mercados, atitude presente na obra de muitos artistas.

Os monumentos à memória coletiva também trazem em alguns dos mais paradigmáticos de seus exemplares do século XX as tensões decorrentes desse movimento de crise de seu suporte como crise da narrativa. No contexto do Pós-guerra, principalmente na Alemanha, muitas obras trazem o questionamento não só das estratégias narrativas adotadas nesses monumentos, mas também da monumentalidade como estratégia retórica em seus projetos. James P. Young, estudioso da monumentalidade e do culto à memória no pós-guerra, cunha o termo anti-monumento (counter-monument) para designar obras que, dadas algumas características comuns, assumem posição de dissidência e questionamento do monumento à memória tradicional. Os anti-monumentos surgem, de acordo com Young, como resposta à tensão presente na atitude alemã frente à própria história, consistindo em “descarados, dolorosamente auto-conscientes, espaços memoriais concebidos para desafiar as premissas de sua própria existência.”(p.272).



Jochen and Ster Gerz. *Monument against Fascism* (1987), Hamburgo. instalação permanente. Imagem: desconhecido

*"[...]In fact, the best German memorial to the Fascist era and its victims may not be a single memorial at all, but simply the never to be resolved debate over wich kind of memory to preserve, how to do it, in whose name, and to what end. Instead of a fixed figure for memory, the debate itself - perpetually unresolved amid ever-changing conditions - might be enshrined."*  
(YOUNG, 1992; p.270)



*Maya Lin, 1982, Vietnam Veterans Memorial, Washington D.C, imagem: National Park Services*

Eticamente certos de seu dever em lembrar mas esteticamente céticos quanto aos pressupostos subjacentes às formas tradicionais de memorial, uma nova geração de artistas contemporâneos e especialistas em monumentos na Alemanha testaram os limites tanto de seu medium artístico quanto da própria noção de memorial. Ainda que trabalhassem sobre um tema o qual nunca experienciaram diretamente - o holocausto - os jovens artistas, guiados pela desconfiança nas formas monumentais datadas, trouxeram o profundo desejo de distinguir suas obras daqueles que assassinaram a memória através de suas obras.

A transformação dos paradigmas concernentes aos objetos da memória coletiva refletem, todavia, uma crise de sentido que extrapola os parâmetros previamente estabelecidos para a sua existência. Mais que celebrar marcos históricos de uma nação ou povo, figuras notáveis eleitas, ou mesmo lembrar tragédias e a força do espírito humano diante do opressor, a memória oficial, ligada diretamente aos interesses do Estado, vai em defesa de uma narrativa dada como oficial e, portanto, positiva. Ícones são erguidos sob essa perspectiva retórica, e o objeto da memória, geralmente inserido no contexto do espaço público, ao invés de incorporar a memória, “a desloca, substituindo a memória coletiva pela sua forma material” (YOUNG, 1992, p. 272). O memorial, enfim, permanece auto-contido e desligado de nossa vida diária, à semelhança do próprio Estado, entidade cujo descrédito já ultrapassou os limites do trágico, repousando no campo da farsa.



# Projetar em tempos de não-esperança

O descrédito generalizado de nossos tempos, seja em nossas instituições e seu discurso viciado, na política e seu descarado jogo, traz à tona uma série de questionamentos acerca do próprio ofício do arquiteto enquanto mediador da construção da realidade. O desenho da memória e seus elementos constituintes - de quem/que se fala, a quem se dirige, seu medium, materialidade e possibilidades de interação - nos impele a problematizar, incessantemente, o próprio lugar da memória e sua função em dias de seu apagamento crônico. O que de fato é preciso lembrar, num contexto em que vitória ou derrota são apenas pontos de vista sem qualquer relevância - diante da tragédia e da morte? Como mediar mudança e possibilitar consciência em meio a um contexto projetado para nos afastar uns dos outros e eliminar completamente a nossa capacidade de relação com a alteridade?

Diante tantas complexidades e contradições, a tentativa de encontrar respostas ou soluções soa tanto ineficaz quanto datada. O que se propôs com o projeto “Raízes”, diante do contexto trágico que se abateu em Portugal e, também, como resposta às investidas sistêmicas do capital contra nosso único bem e fonte de toda a existência - a natureza - parte da premissa de que não há esperança. Esperança, no caso, é o menos desejado dos sentimentos diante do atual cenário.

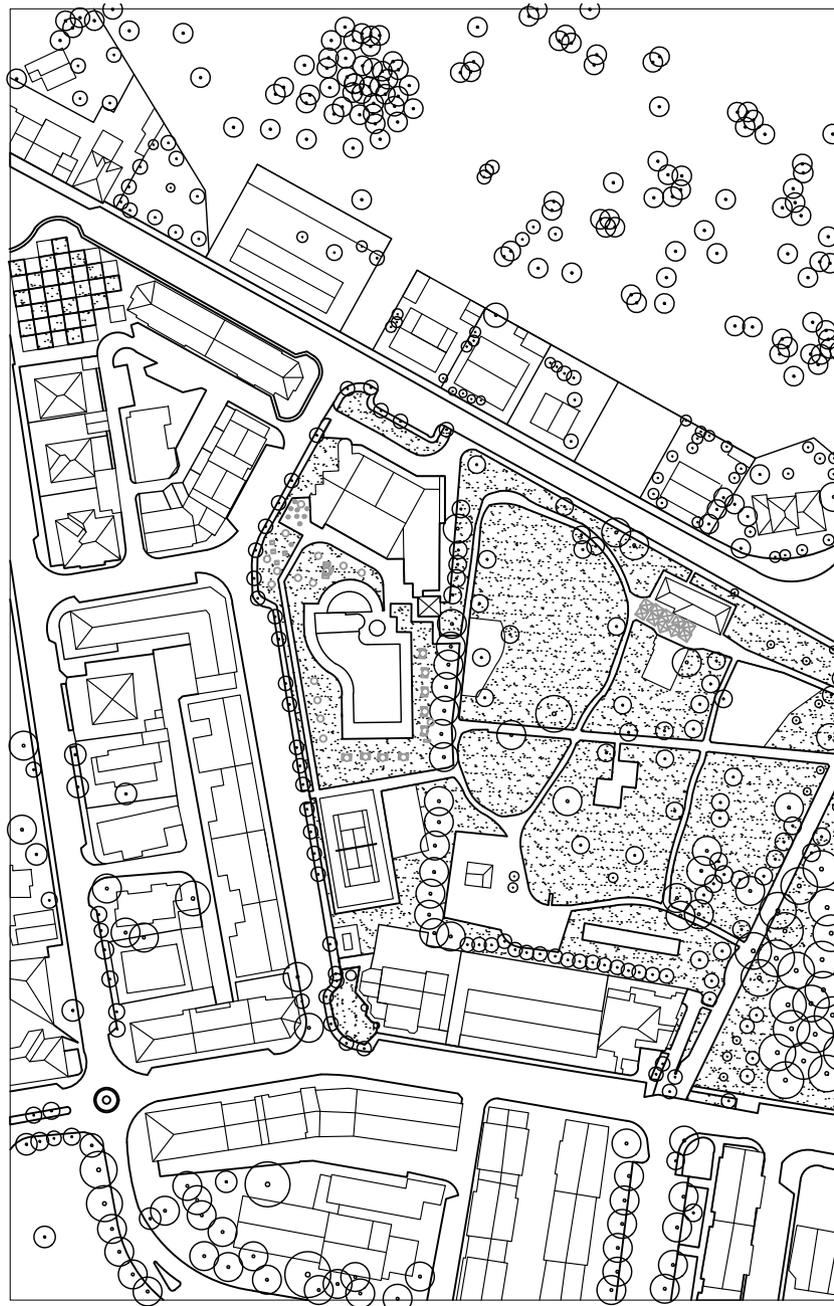
O que se propõe é um exercício narrativo que convida à escuta, à observação de uma árvore. Simplesmente observar uma árvore crescer. Mas que árvore? Não uma espécie aleatória, mas uma daquela gente - presença daquela história, contadora de sua evolução, como são todas as espécies. Como *somos* todas as espécies. Antes o poder educativo da ancestralidade, a aprendizagem através da experiência narrada; o Sobreiro como narrador silencioso. Disparador de histórias lembradas e transmitidas oralmente. A morte como semente, e a esperança, não o substantivo, mas o verbo “esperançar”, de Paulo Freire, como fruto: agir, mobilizar, colocar o corpo presente em movimento, esse sim, despertado. A história que essa árvore pode contar, por si, não é a história dos grandes feitos, documentada e amplamente difundida como uma narrativa oficial; não se trata de história-monumento da positividade, mas sim, a história narrada, que nos é passada via experiência de nossos ancestrais, cuja relação com a terra e sua sabedoria intrínseca era transmitida e vivida. O que se pretende é, enfim, pertencimento. Não exatamente a uma bandeira, a um território. Mas à terra. À Terra. Talvez esse exercício proposto carregue, em sua simplicidade gestual, sementes de um passado que precisa ser revisitado. Como diz Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. E talvez, numa época de sentidos torpes e cegueira ideológica, a revolucionária atitude de assistir ao crescimento de uma árvore desperte frutos de transformação efetiva no agora transfigurado - esse que não pede nem pode esperar.

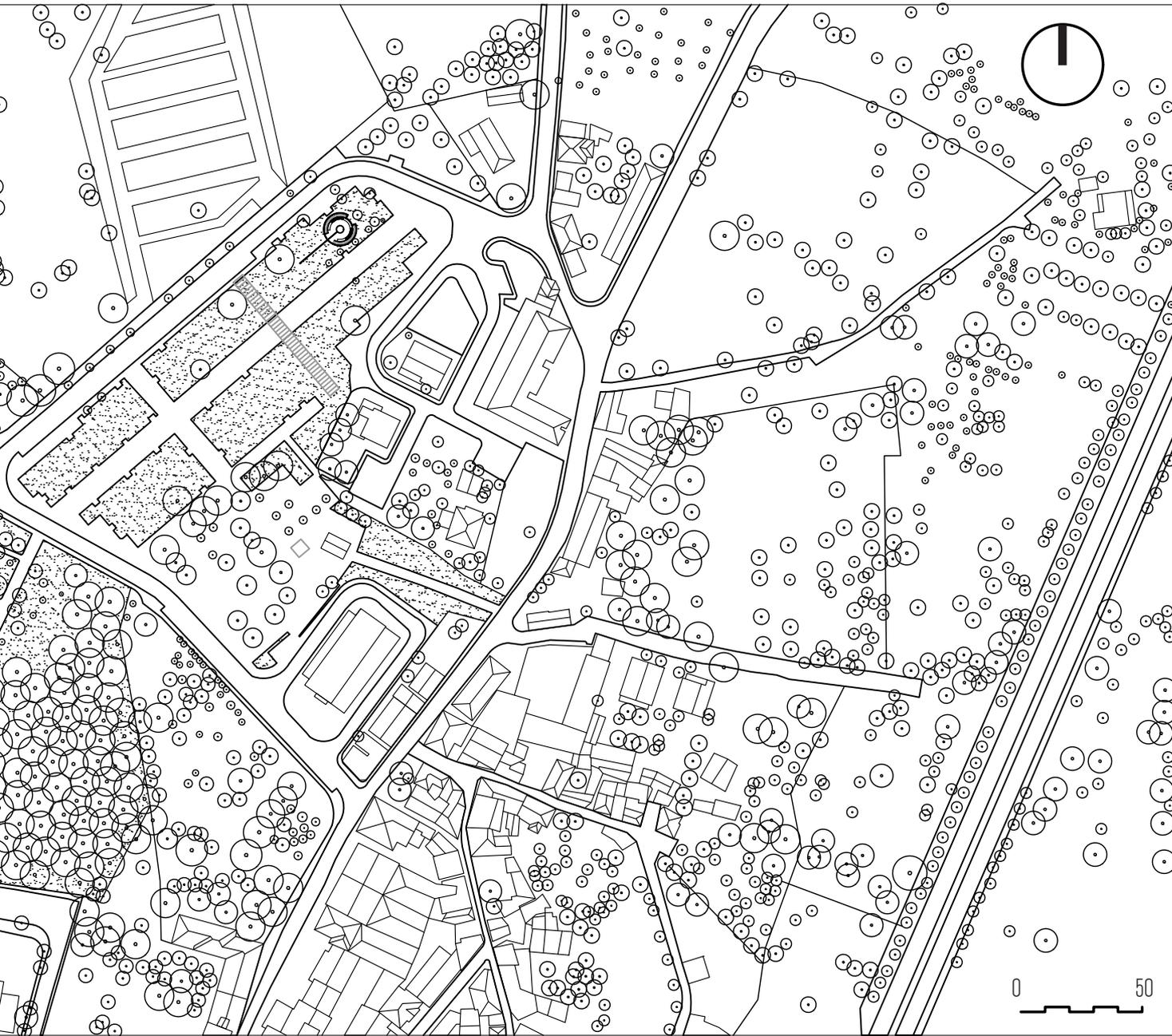


(re) plantar

# Planta de Situação

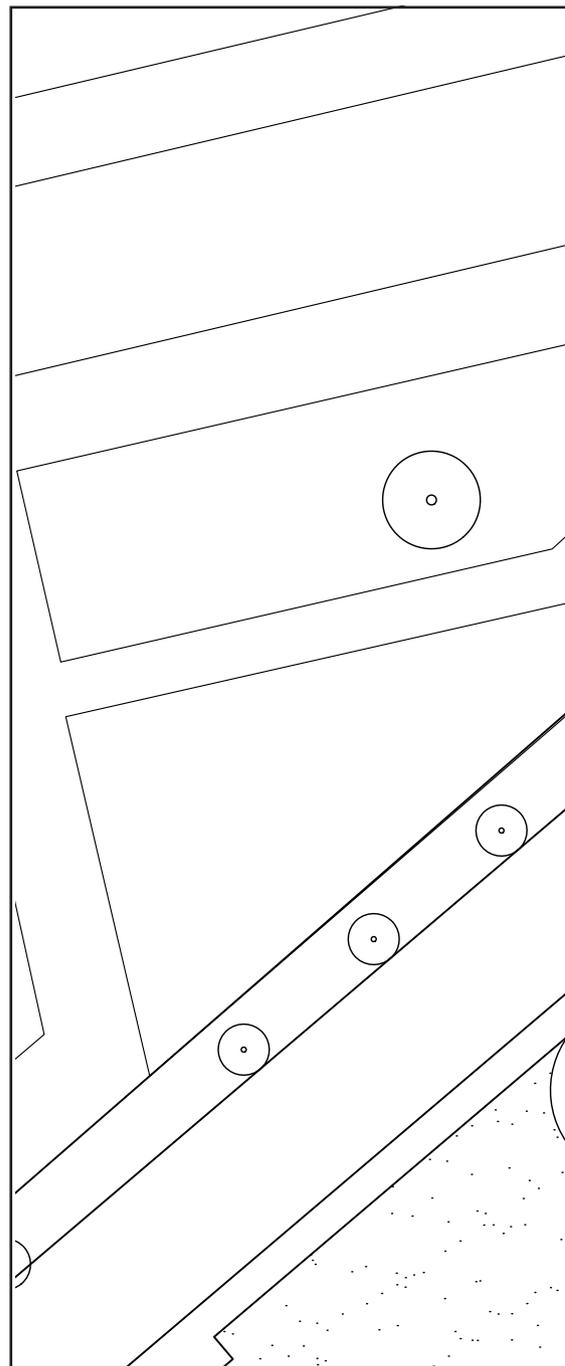
1:2500

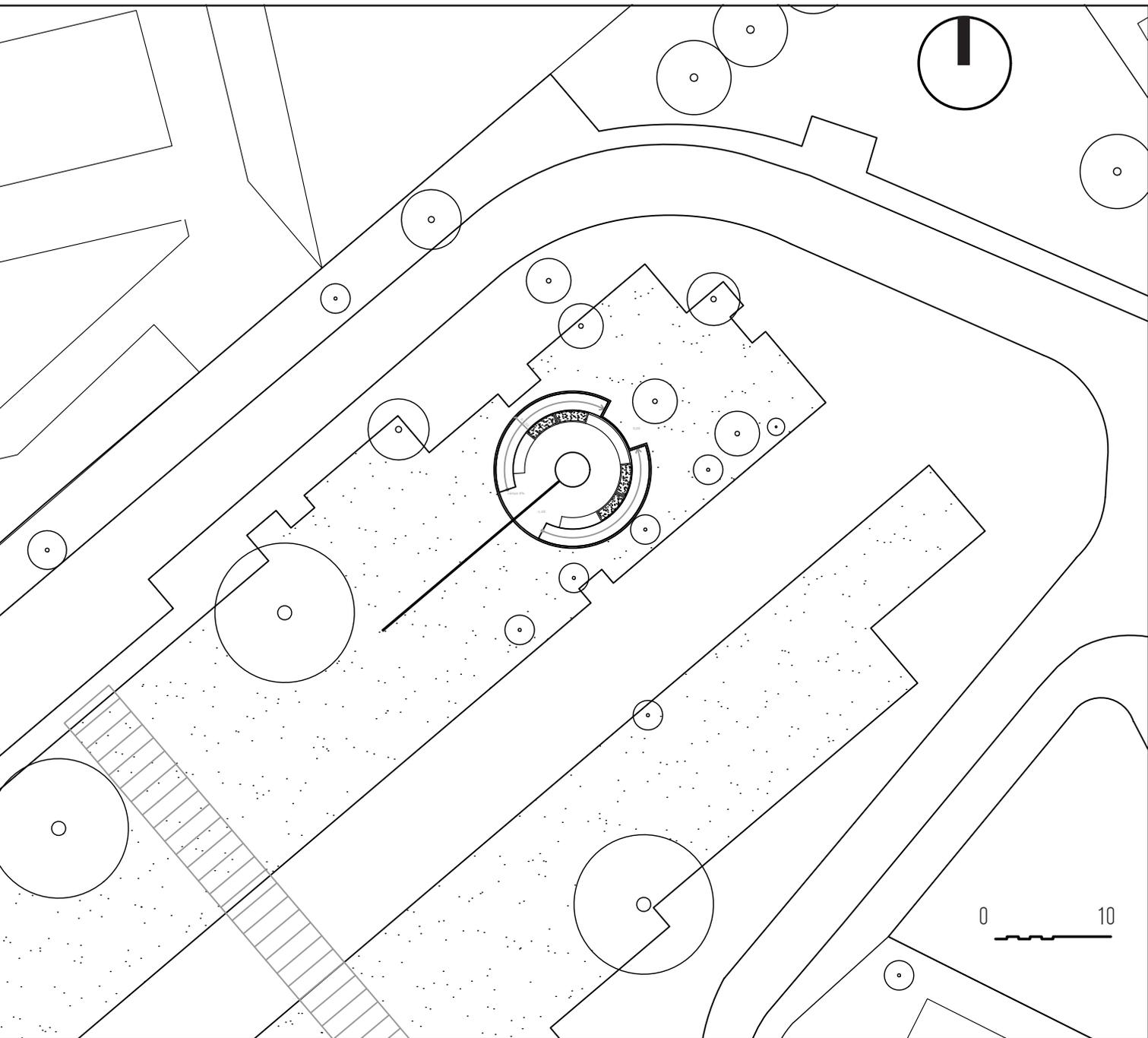




# Planta de Implantação

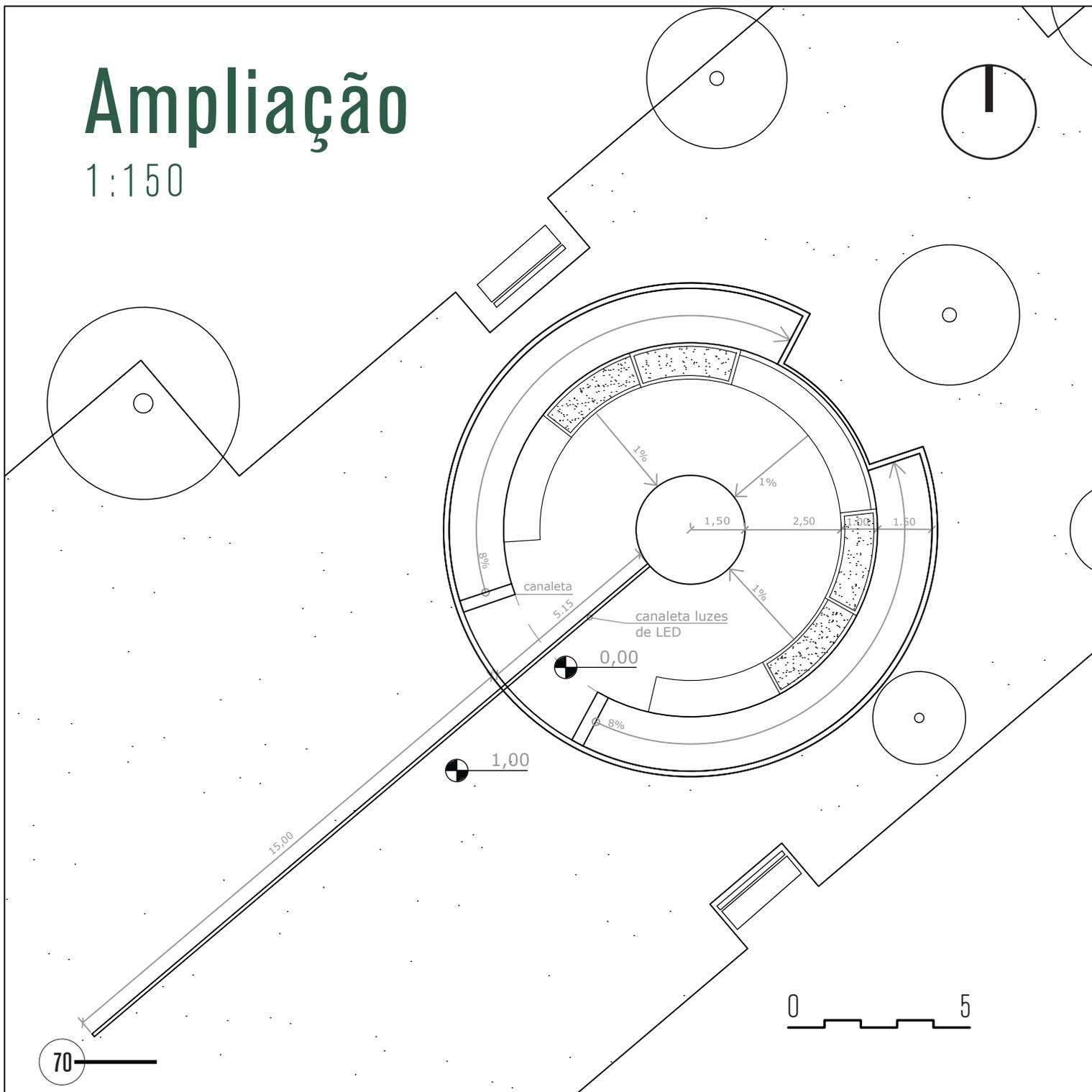
1:500





# Ampliação

1:150



1:100

B

arrimo - esp. 0,20  
concreto armado



gramado

1,00

banco em  
concreto

gramado

canteiro em  
concreto

gramado

canteiro em  
concreto

A

banco em  
concreto

gramado

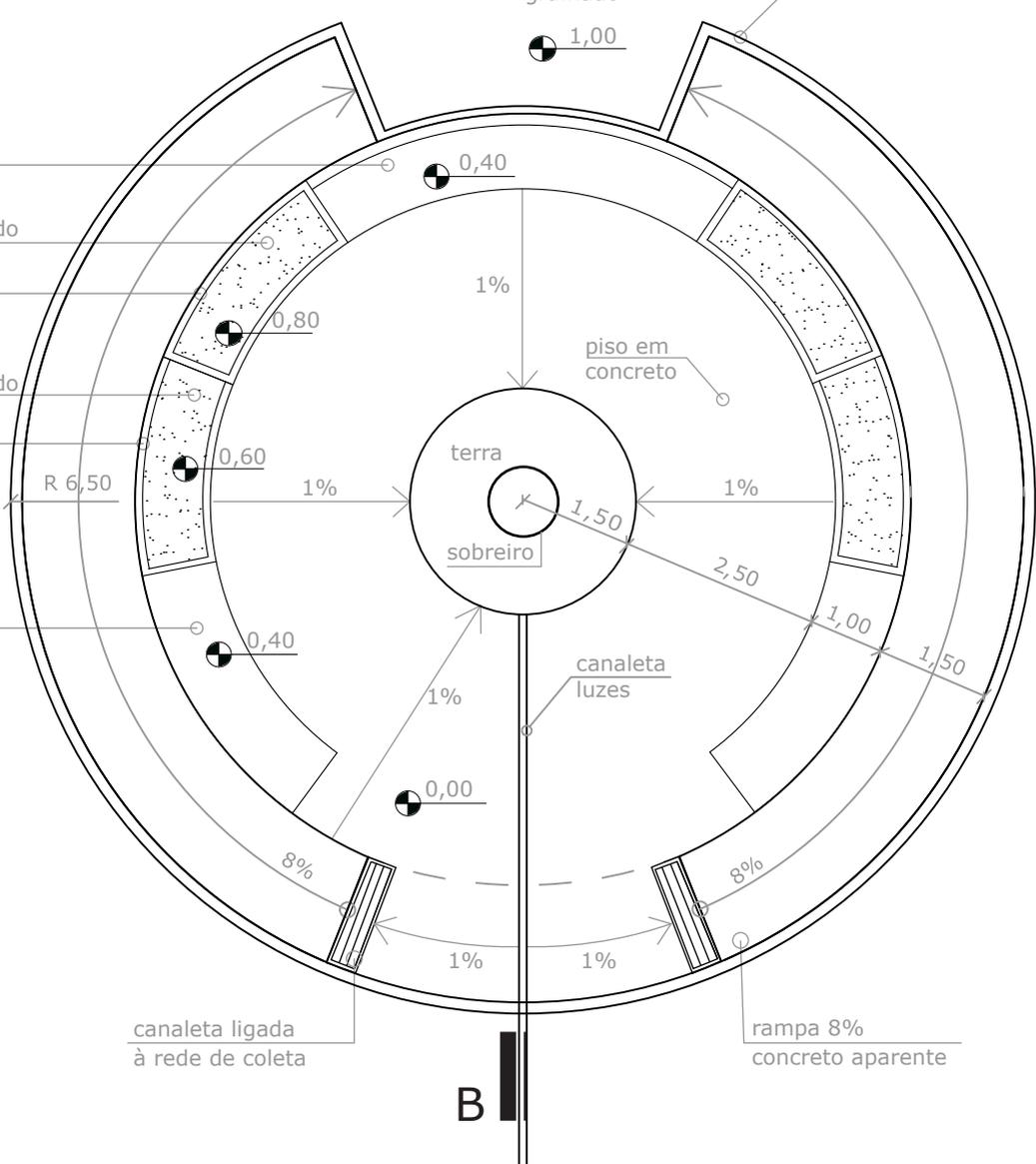
1,00

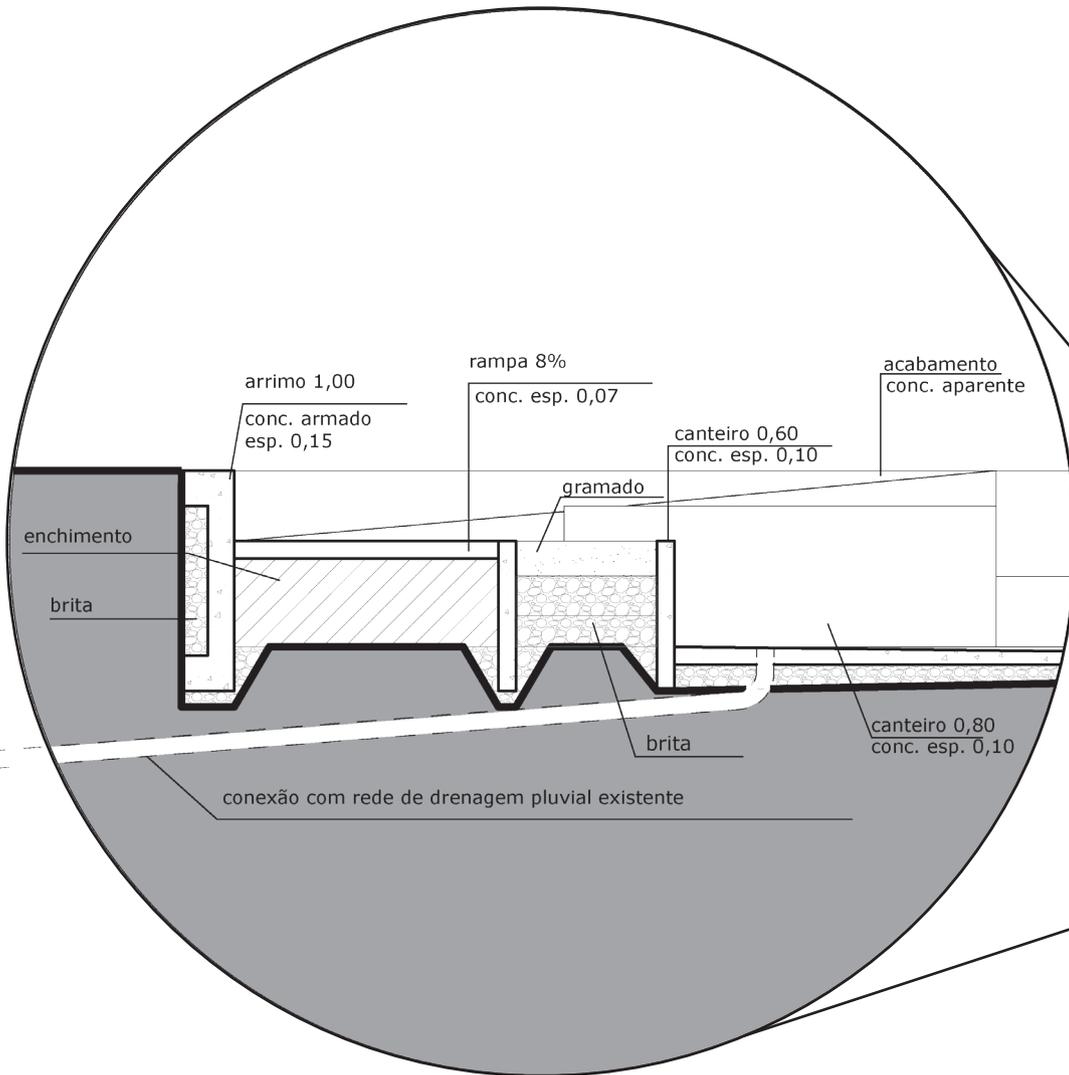
canaleta ligada  
à rede de coleta

rampa 8%  
concreto aparente

B

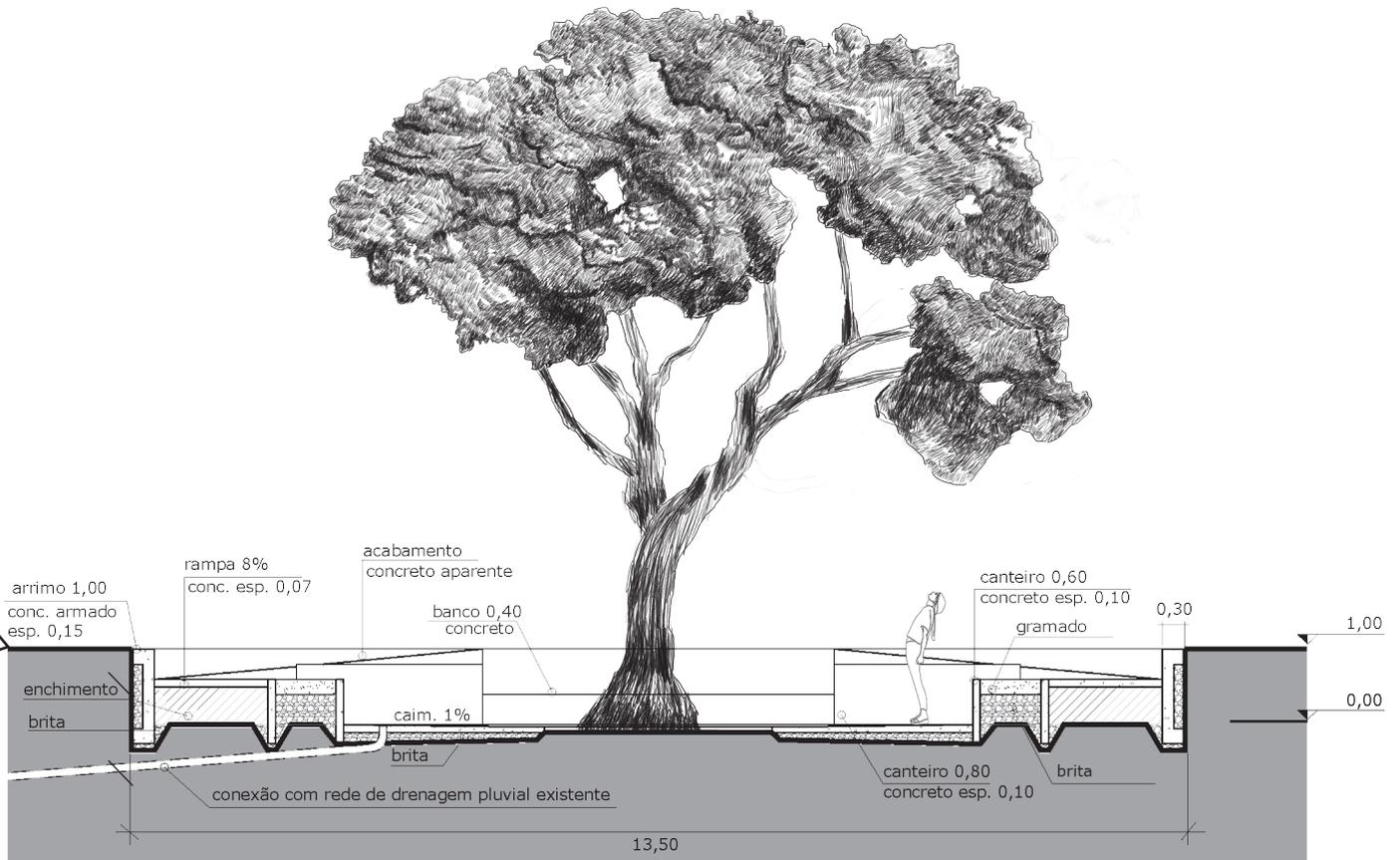
A





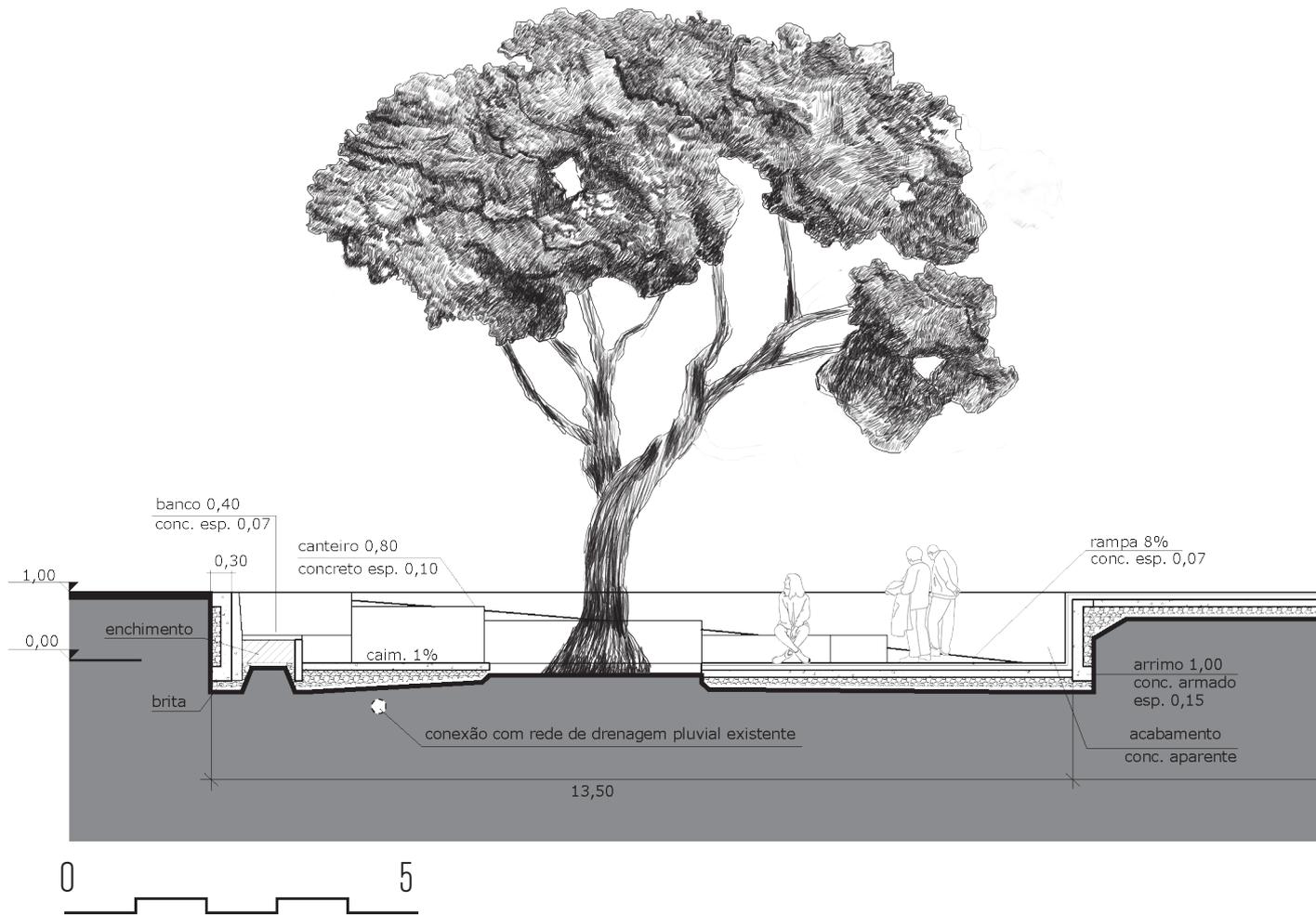
# Corte Transversal AA

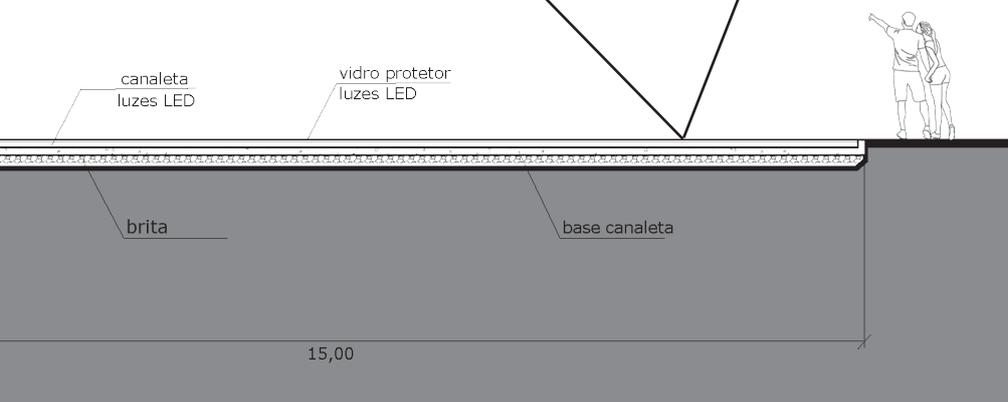
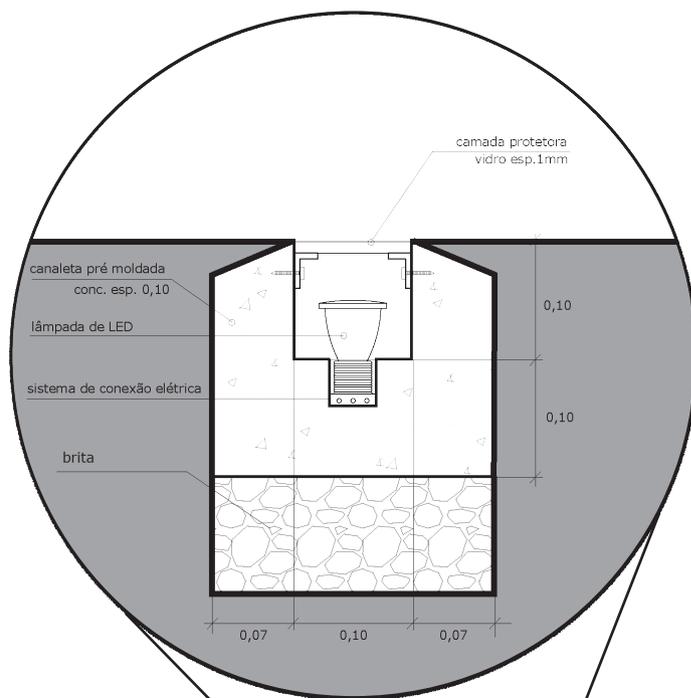
1:100



# Corte Longitudinal BB

1:100







*Mas foi inútil a minha viagem para visitar a cidade: obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definhou, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo.*

Ítalo Calvino, as Cidades invisíveis

# Referências

ARGAN, Giulio Carlo. “Clássico Anticlássico”. Companhia das Letras. São Paulo:1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. in Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política. Editora Brasiliense. São Paulo:1987

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. Companhia das Letras. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo: 2004.

COMITÊ INVISÍVEL. Motim e Destituição Agora. n-1 edições. São Paulo: 2017.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Trad. Enio Paulo Giachini. Vozes. Petrópolis: 2015.

KOSELLECK, Reinhart. “Les monuments aux morts, lieux de fondation de l’identité des survivants.” In: “L’expérience de l’histoire”. Seuil/Gallimard. Paris:1997

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Gávea. Publicação PUC Rio. Rio de Janeiro: 1984.

LE GOFF, Jacques. História e memória. trad. Bernardo Leitão. Editora de UNICAMP. Campinas: 1990.

YOUNG, James E. The Counter-Monument: Memory against Itself in Germany Today. Critical Inquiry, Vol. 18, No. 2. (Winter, 1992), pp. 267-296

YOUNG, James E. Memory and Counter-Memory: the end of the monument in Germany. Harvard Design Magazine, Vol. 9, (Fall, 1999), pp. 1-10

## Sites visitados

“Já arderam 225 mil hectares de floresta esse ano”

<https://rr.sapo.pt/noticia/96007/ja-arderam-225-mil-hectares-de-floresta-este-ano>

<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/11/04/eua-notificam-a-onu-e-confirmam-saida-do-acordo-de-paris.ghtml>

“Projeto Raízes vence concurso de Ideias para Memorial dos Incêndios em Tondela”

<https://noticiasdeiseu.com/projeto-raizes-vence-concurso-de-ideias-para-memorial-dos-incendios-em-tondela/>

Censo do município de Tondela  
[ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes](http://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes)

Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas de Portugal  
<http://www2.icnf.pt/portal/florestas/dfci/inc/mapas>

